

DESANCORAGEM E ABALROAMENTO: TRAJETÓRIAS RECENTES DA SEMIPERIFERIA NO SISTEMA-MUNDO

Maíra Baé Baladão Vieira¹

Introdução

Na década de 1970 Immanuel Wallerstein lançou-se à tarefa de contrapor as correntes vigentes que lidavam com a questão do desenvolvimento desigual dos países. Sua proposta, a análise do Sistema Mundo incluía a noção de que a estrutura do ambiente internacional estava composta de três diferentes estratos, periferia, semiperiferia e núcleo orgânico. Dentre todas as concepções apresentadas por Wallerstein, a semiperiferia é ainda hoje um dos conceitos mais controversos de sua obra.

A semiperiferia apresenta-se como uma parte importante da morfologia do Sistema Mundo. Diferentemente do núcleo e da periferia, este estrato reúne certas particularidades em suas funções, sendo a principal delas a própria manutenção do equilíbrio do sistema. Diante da atribuição de vital importância, são muitas as abordagens que buscaram complementações à ideia seminal de semiperiferia, bem como tentaram construir métodos que possibilitassem a identificação dos países que compõe a dita estrutura.

O presente artigo busca retomar a relevância da semiperiferia para o entendimento das circunstâncias internacionais contemporâneas. Sua operacionalização permite que dados mundiais sejam agregados oferecendo um recorte factual e atualizado das mais diversas facetas econômicas e políticas que compõe o Sistema Mundo. Na primeira seção, os constructos mais relevantes aplicados à semiperiferia por Wallerstein e outros autores serão retomados, com inclusão de críticas ao conceito. Na segunda seção serão discutidas as

¹ Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS (2012) e mestre em Relações Internacionais pela UFRGS (2007). E-mail: mairabae@gmail.com.

mais diversas abordagens já realizadas para a definição geográfica da semiperiferia, sendo um dos estudos mais importantes já realizados, aqui replicado e posteriormente aplicado a alguns dados para fins de exemplificação metodológica.

Conceituando a Semiperiferia: retomada de seus principais constructos

A análise do Sistema-Mundo de Wallerstein² busca encontrar desde a década de 1970 os mecanismos que perduraram século a século na divisão internacional do trabalho tentando, ainda, reunir em uma mesma perspectiva, elementos das ciências sociais que se dissociaram em quatro áreas específicas do saber, história, economia, sociologia e ciência política, privilegiando o “sistema” enquanto unidade de análise e insistindo na *longue durée* de inspiração braudeliana enquanto recorte temporal por refletir a continuidade das realidades estruturais (Wallerstein 2005a).

A concepção de Wallerstein buscava ainda, em sua gênese, confrontar a, então preponderante, teoria da modernização que propunha estender os estudos desenvolvidos na Europa e Estados Unidos para o resto do mundo, “universalizando o universalismo”, nas palavras do autor (Wallerstein 2003, 232). Para este, os principais problemas da teoria da modernização se referiam à assunção de que todos os Estados operavam de modo autônomo e não eram afetados de modo impactante por fatores externos às suas fronteiras, além do fato de que assumia como possibilidade plausível o desenvolvimento de todos os países que se encontravam em etapas anteriores à modernização: “A teoria da modernização argumentava muito simplesmente o seguinte: todas as sociedades passam por um conjunto definido de etapas num processo que culmina na modernidade” (Wallerstein 2003, 232).

A análise de Sistemas Mundo viria, então, contrapor a ideia de uma modernização induzida por países-modelo (muito conveniente em tempos de Guerra Fria nos quais a bipolaridade dava contornos bem distintos a dois projetos possíveis de desenvolvimento) por meio de dois desdobramentos que impactariam de modo definitivo o estudo das Relações Internacionais. O pri-

2 A obra de Wallerstein relativa ao Sistema-Mundo é sustentada majoritariamente pelas quatro publicações que deram origem à análise de Sistemas Mundo, a saber, *The Modern World-System I: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century* (1974), *The Modern World-System II: Mercantilism and the Consolidation of the European World-Economy, 1600-1750* (1980), *The Modern World-System III: The Second Era of Great Expansion of the Capitalist World-Economy, 1730-1840* (1989) e *The Modern World-System IV: Centrist Liberalism Triumphant, 1789-1914* (2011).

meio deles seria a globalidade, substituindo a unidade de análise tradicional (sociedade/Estado) pelo Sistema-Mundo, pois assumia como impossível a análise de países de modo isolado uma vez que todos se encontravam em um sistema intensamente interligado. A segunda contribuição epistemológica foi a noção de historicidade, decorrente do primeiro ponto: “Se os processos eram sistêmicos, então a história – toda a história – do sistema (em oposição à história das subunidades, tomadas separada e comparativamente) era o elemento crucial para compreender o estado presente do sistema” (Wallerstein 2003, 234). Wallerstein defendia assim que toda a análise fosse simultaneamente histórica e sistêmica (Martin 1990, IX).

A análise do Sistema Mundo foi, para alguns autores, “uma tentativa imaginativa de chacoalhar paradigmas pré-estabelecidos de sociologia comparativa” (Evans 1979, 17). Por um lado, a teoria da modernização estava marcada pela “culpabilização da vítima” no momento em que sugeriam que os países subdesenvolvidos demonstravam valores ruins em termos de escolhas para a promoção do desenvolvimento. Consequentemente, para serem superados os obstáculos endógenos seriam necessárias altas doses de transferência cultural e financeira dos países ricos para os pobres. A salvação da periferia estaria dada conforme os elos que esta conseguisse criar com os países do núcleo do sistema (Evans 1979).

Mas não apenas a teoria da modernização era contestada pela análise do Sistema Mundo. Por outro lado, para o paradigma da dependência, os elos com o núcleo eram o problema e não a solução, pois o lucro era drenado em direção aos países ricos ao invés de permanecer nos países pobres. O poder político e econômico do núcleo era utilizado para impedir qualquer mudança estrutural na periferia (Evans 1979).

O que é revigorante em relação à abordagem do Sistema Mundo é que a questão dos efeitos exógenos no desenvolvimento não é mais delineada em termos da força ou fraqueza dos elos entre o núcleo e um dado país periférico. Ao contrário, esta questão está dada em termos das consequências de ocupar uma determinada posição estrutural no Sistema Mundo como um todo (Evans 1979, 15).³

Outra das contribuições do conceito se refere à explicação do diferencial de crescimento econômico que apresentam as nações (Snyder e Kick 1979). Muitas das explicações desenvolvimentistas à época tratavam crescimento econômico como um processo endógeno e consideravam, ainda, que

³ Todas as citações diretas que em seu original estavam apresentadas em língua estrangeira foram submetidas à tradução própria.

este se dava em uma sequência pré-ordenada por meio da qual os países pobres poderiam repetir as experiências e estratégias dos países ricos. A evidência, porém, era a de que a estratificação econômica internacional apresentava um padrão baixíssimo de mudanças.

Na esteira de estudos globalizatórios que identificam impérios-mundo desde os mais remotos registros da humanidade, embora o atual sistema que teve início no século XVI seja reconhecido como apenas um dentre outros tantos (Osterhammel e Peterson 2005), a abordagem Wallesteiniana se distingue dos demais por compreender uma economia-mundo capitalista que pela primeira vez na história foi capaz de “incluir todo o globo em sua geografia” (Wallerstein 2003, 92). O presente sistema capitalista tem como característica a acumulação incessante de capital com a realização do lucro máximo, que se dá por meio de cadeias transnacionais de mercadorias que determinam as fronteiras da divisão do trabalho da economia mundial dentre múltiplas culturas e sistemas políticos.

Um aspecto importante da teoria em questão, no que concerne a esta análise, seria o tratamento dado à estrutura do Sistema-Mundo, estando este dividido em atividades-centro e atividades-periferia, sendo que as primeiras seriam aquelas beneficiadas pela mais-valia obtida nas trocas desiguais propiciadas pelo comércio internacional. Nem sempre, porém, os dois tipos de atividades se fazem exclusivos nas fronteiras de um Estado, podendo atividades “periféricas” serem realizadas em países do centro (e vice-versa), embora predomine o contrário (Wallerstein e Hopkins 1982).

Ainda que as atividades de um ou outro tipo não fossem plenamente coincidentes com as fronteiras de um ou outro estado, Wallerstein percebeu um padrão no qual as atividades centrais ou periféricas do sistema eram distribuídas de modo desigual dentre os diversos segmentos do Sistema-Mundo, estando estes divididos, em realidade, em três diferentes categorias. A terceira categoria seria, então, composta pelos Estados semiperiféricos que exportariam produtos periféricos para países centrais e produtos centrais para áreas periféricas do sistema (Wallerstein e Hopkins 1982).

Em cada economia-mundo capitalista, a vida econômica se encontra organizada sob o que poderíamos chamar de “dupla tríade”, constituída, por um lado, do trinômio “vida material – economia de mercado – capitalismo” e, por outro, hierarquizada sob os auspícios do conjunto “núcleo orgânico (ou Centro) – semiperiferia – periferia” (Lourenço 2005, 176).

A segunda tríade, de maneira diferente à que pressupunha a abordagem Cepalina da dependência, que considerava que a troca desigual drenava

riquezas da periferia em direção ao centro, compõe com a semiperiferia uma posição intermediária que evita a super polarização do Sistema Mundo. Ainda, enquanto a maioria das teorizações enquadra as categorias intermediárias como transicionais, a análise do Sistema Mundo a considera uma condição permanente (Lourenço 2005). Para a teoria da modernização e a teoria da dependência, os extratos intermediários eram considerados temporários, no entanto para a análise do Sistema Mundo posições intermediárias são consideradas algo constante na estrutura.

As três posições estruturais no Sistema Mundo foram consolidadas por volta de 1640, mas o que permite que o sistema tenha estabilidade política são três mecanismos. O primeiro, a concentração do poderio militar nas mãos das forças dominantes, o segundo, o compromisso ideológico para com o sistema como um todo. O terceiro mecanismo é justamente a presença da semiperiferia, pois a existência de um terceiro extrato significa que a categoria superior não terá que enfrentar uma posição unificada de todos os demais porque o nível do meio é tanto explorado quanto explorador (Wallerstein 1974a): “Estados semiperiféricos desempenham um papel particular na economia mundial capitalista, com base na dupla antinomia de classe (burguesia-proletariado) e função na divisão do trabalho (núcleo-periferia)” (Wallerstein 1976, 462). São Estados que em parte agem como zonas periféricas junto a países do núcleo e em parte agem como países do núcleo junto a algumas áreas periféricas.

Os estados da semiperiferia cumprem um papel facilitador para as relações opressoras do centro com a periferia, sendo, inclusive, agentes econômicos e políticos de determinadas potências em momentos de expansão da economia mundial. Apesar disto, são também explorados pelo centro, pois deste geralmente dependem para a obtenção das fontes usuais de crescimento, capital e tecnologia (Wallerstein 1984).

Em termos da estabilidade do Sistema-Mundo, o efeito da semiperiferia é dual. A semiperiferia tem uma função de tampão (Wallerstein 1974a), a fim de evitar os possíveis conflitos que decorreriam da má distribuição das recompensas em uma estrutura mundial extremamente polarizada, pois a concentração do poder bélico nas mãos das forças dominantes e a difusão do compromisso ideológico para com o sistema não seriam suficientes para evitar insurgências contra o centro do sistema (Wallerstein 1974a): “A semiperiferia não é um artifício de pontos estatísticos, nem uma categoria residual. A semiperiferia é um elemento estrutural necessário em uma economia mundo” (Wallerstein 1974b, 350).

Ao mesmo tempo em que funciona como um amortecedor de conflitos por manter distantes umas das outras as relações de exploração que per-

mitem a divisão desigual dos benefícios, a semiperiferia é um local de instabilidade política (Wallerstein e Balibar 1988). Os mecanismos de expropriação existentes nos mais distintos níveis de violência e modernidade e que não se chocam justamente em razão da existência da semiperiferia, coexistem dentro dela, dividindo um mesmo espaço e gerando conflitos sociais com mais frequência porque no interior de cada uma de suas unidades estão reunidas tanto atividades centrais quanto periféricas (Wallerstein 2005a).

Terlouw (1993) parte em uma direção similar ao dizer que a semiperiferia é a região mais dinâmica do Sistema Mundo. Esse dinamismo é decorrente do fato de que a estrutura social da semiperiferia é mais fluida e adaptativa do que a rígida estrutura do núcleo. A semiperiferia deve ser mais flexível por conta das severas tensões sociais às quais se encontra submetida. As tensões sociais se devem ao fato de que na semiperiferia ocorrem dois tipos de exploração: aquela promovida entre núcleo, semiperiferia e periferia e o outro tipo sendo aquele que ocorre entre a burguesia e o proletariado. Ocorre que é possível que o núcleo explore a semiperiferia em razão do fato de que nesta zona o proletariado é mais precarizado do que no núcleo. A existência de proletários precarizados e não precarizados na semiperiferia seria a segunda razão pela qual o conflito social é bastante mais elevado nesta zona.

Wallerstein aponta, ainda, que a semiperiferia tem um segundo efeito dual que incide na estabilidade do Sistema-Mundo. A existência desta terceira categoria não é garantia de pacificação do sistema, pois justamente pelo fato de ocuparem uma posição intermediária, mais próxima de uma posição central do que os países que concentram atividades periféricas, os Estados da semiperiferia lutam constantemente para obter reforço do aparato Estatal de modo a utilizá-lo em intervenções econômicas que possam alterar sua posição no sistema. Essas tentativas, por outro lado, tendem a reforçar a resistência dos estados do centro de modo a que estes constantemente busquem reforçar, por sua vez, seu aparato militar (Wallerstein 1984). A rivalidade estatal surgida a partir destes movimentos geralmente toma a forma de um equilíbrio de poder, incentivando ainda a tentativa dos Estados mais fortes em se converter em poderes dominantes por meio da obtenção de hegemonia no sistema (Wallerstein 2005a).

Ainda no sentido do papel da semiperiferia no Sistema-Mundo, uma série de outros papéis foram atribuídos a este estrato na evolução da atual economia mundial. Chase-Dunn e Thomas D. Hall (2000) sustentam que a semiperiferia, por ser o elemento de ligação entre núcleo e periferia é responsável por difundir as inovações institucionais, sociais, técnicas e organizacionais. A própria ascensão do “Oeste” na formação do sistema capitalista é entendida pelos autores como uma instância de desenvolvimento da semi-

periferia:

Nesse esquema, os estados semiperiféricos e as cidades-estado capitalistas semiperiféricas foram os atores que realizaram as transformações mais importantes na ascensão de impérios cada vez maiores, no aumento da escala dos mercados e no eventual surgimento do capitalismo predominante (Chase-Dunn e Hall 2000, 100).

A semiperiferia é um importante lócus das forças que transformam os Sistemas Mundo. São áreas nas quais são geradas novas formas institucionais que transformam as estruturas sistêmicas e os modos de acumulação. Essas forças acabam por promover mobilidade aos atores semiperiféricos (Chase-Dunn e Hall 1997). Chase-Dunn e Hall (1997) sustentam que novas formas organizacionais, atividades com lógicas diferentes de operação são mais prováveis de emergir em áreas semiperiféricas, onde núcleo e periferia combinados estão sujeitos a forças contraditórias. Argumentam ainda que os países que mais obtiveram sucesso na estrutura capitalista, que obtiveram a condição de potências hegemônicas (Holanda, Inglaterra e Estados Unidos são citados no exemplo), foram todos previamente parte da semiperiferia e afirmam que “Uma localidade semiperiférica é um solo fértil para aqueles que desejam implementar mudanças organizacionais, ideológicas ou tecnológicas que transformem” (Chase-Dunn 2014, 16).

Outra particularidade da semiperiferia é a de que suas habilidades em tomar vantagem das flexibilidades oferecidas pelas contrações da atividade econômica são em geral maiores que aquelas dos países do núcleo ou periféricos. Nestes momentos as zonas intermediárias ganham vantagem às custas dos países centrais, pois conseguem expandir o controle do seu mercado nacional às expensas de produtores do núcleo, bem como conseguem expandir seu acesso a países vizinhos periféricos (Wallerstein 1976). Nesses períodos os países semiperiféricos podem não somente escolher dentre os mais diversos produtores do núcleo, como também podem aceitar seus investimentos na fabricação de manufaturados.

Wallerstein (1974) cita duas importantes razões para o fato de que o Sistema Mundo apenas consegue existir por apresentar uma estrutura trimodal, possuindo uma semiperiferia, sendo uma política e outra político econômica. A política, como apontado anteriormente, se daria pelo fato de que um sistema baseado em recompensas desiguais necessita manter uma preocupação constante acerca da possibilidade de rebelião por parte de seus elementos oprimidos. Um sistema polarizado entre um setor de alta renda e outro de baixa renda tenderia rapidamente à desintegração. Para evitar crises, é neces-

sário que haja um setor intermediário que tende a pensar em si mesmo como algo melhor do que o setor mais inferior ao invés de pensar em si mesmo como inferior ao setor superior.

A segunda razão se refere ao papel da semiperiferia em absorver setores que, por diversas razões, tornem-se pouco lucrativos nos países do núcleo, sendo que caso este processo não ocorresse o sistema capitalista enfrentaria rapidamente diversas crises econômicas. Isso faz com que a semiperiferia, ainda que tenha logrado industrializar-se não tenha alcançado progresso material na divisão mundial do trabalho, ou seja, estruturalmente sua condição permaneceu a mesma. Isto se dá possivelmente porque “a aplicação intensiva de capital na semiperiferia geralmente se dá com uso de tecnologias que já estão obsoletas no núcleo” (Chase-Dunn 1998, 81). O observação de Lourenço (2005) acerca de um estudo de Arrighi e Drangel (1986), que será tratado a seguir, que se debruçava sobre o tema é bastante elucidativa:

[...] a semiperiferia não apenas alcançou, mas ultrapassou o núcleo orgânico em termos de grau de industrialização. A partir de 1965, o núcleo já está se desindustrializando, mas o fosso existente entre os três degraus da hierarquia não muda, pois, ao longo do tempo, a indústria estava se tornando periférica. A industrialização da periferia e da semiperiferia, portanto, não foi um canal de subversão, mas de reprodução da hierarquia da economia mundial (Lourenço 2005, 183).

Uma questão que se coloca é a de que quanto maior o número de países a promover processos de industrialização no Sistema Mundo, como forma de sair da periferia, mais insignificante se torna a recompensa (Grell-Brisk 2017). Agentes do núcleo que migram para a semiperiferia contribuem para a descentralização e realocação de recursos em áreas mais lucrativas (Ruvalcaba 2013) tornando os países semiperiféricos lugares mais atraentes para a migração industrial do que o núcleo ou a periferia (Mahutga e Smith 2011, 258, apud Ruvalcaba 2013, 152).

Dessa forma, as alterações provocadas pela Revolução Científico-Técnica no desenvolvimento capitalista implicam profunda reorganização na indústria mundial e fizeram surgir a chamada nova Divisão Internacional do Trabalho (DIT). É possibilitada a industrialização fora do centro do sistema mundial. Cadeias antes centrais, como as de têxteis, que estiveram entre as mais dinâmicas da economia mundial (Fröbel et al. 1981), podem ser transferidas para a semiperiferia. Nessas regiões, a mão-de-obra barata e abundante existente pôde ser aproveitada, e foram formados enclaves de produção destinada à atividade exportadora, que vendem, para o centro, os

produtos que antes, desde a I Revolução Industrial, eram lá feitos. A crise nos países centrais também propiciou a expansão desses investimentos produtivos. De acordo com Fröbel et al. (1981, 7-9), houve diminuição do emprego e da produção em diversos ramos industriais dos países industrializados durante a década de 1970. Observaram-se mudanças voltadas à racionalização do trabalho e consequentes problemas no mercado de trabalho, além da crise fiscal do Estado. Como contrapartida, ocorreu aumento dos investimentos externos do centro, com porcentagem cada vez maior sendo dirigida aos países em desenvolvimento. Entre esses investimentos, ganham importância os destinados a transferir capacidade produtiva a outros países industrializados ou em desenvolvimento. Frente à recessão nos países industrializados, as grandes empresas conseguem volume cada vez maior de vendas e benefícios em nível mundial (Lima 2007, 66).

Cabe ressaltar ainda que, na década de 1980, diversos estudos, ao tentarem identificar a semiperiféria, utilizaram-se de modelagens em bloco, frequentemente considerando a proporção de produtos manufaturados *versus* a proporção de matéria prima que era comercializada pelo país para determinar sua posição na hierarquia do Sistema Mundo. Isso contemporaneamente não teria nenhuma validade. Considerando-se que o estágio de industrialização é indiferente para que seja estabelecido o estrato ao qual o país pertence, essa lógica não mais se sustenta.

Corroborando para a noção de que a industrialização não mais corresponde às atividades-núcleo, Korzeniewicz e Martin (1994) após realizarem a categorização dos países em três grupos seguindo a metodologia proposta por Arrighi e Drangel, aplicaram as classificações à produção de seis diferentes produtos e observaram que na produção de carros não havia transferência da produção no sentido núcleo-periferia como predizia a noção de uma “nova divisão internacional do trabalho”. Esta nova divisão tinha como pressuposto o deslocamento das atividades manufatureiras do núcleo para a periferia.

Para além da questão da industrialização, a semiperiferia atende em termos teóricos a outras duas especificidades. Uma está relacionada com o **papel do Estado** nos países semiféricos e a outra relativa à questão da **mobilidade dos países** dentre os estratos que compõe o Sistema Mundo. Em relação ao papel do Estado, esta é uma característica distintiva da semiperiferia: o interesse da máquina estatal em controlar o mercado - tanto interno quanto internacional - uma vez que Estados semiperiféricos jamais poderão depender do mercado para maximizar, no curto prazo, suas margens de lucro (Wallerstein 1974). Destaca Terlouw:

Um país semiperiférico que deseje melhorar sua posição no Sistema Mun-

do deve, antes de mais nada, fortalecer seu aparato estatal. Uma intervenção econômica intensa é necessária para estimular a produção nacional e para proteger a economia nacional contra as influências do Sistema Mundo. A burguesia na semiperiferia não é suficientemente forte para competir efetivamente com os produtores do núcleo. A sobrevivência econômica da burguesia é dependente de uma ativa intervenção estatal. Os estados semiperiféricos possuem, portanto, os aparatos estatais mais ativos (Terlouw 1993, 96).

Devido ao mix de atividades núcleo e atividades periferia neste estrato, acabam por surgir políticas de desenvolvimento e governamentais com interesses extremamente opostos, mas que são, na maioria dos casos, caracterizadas pelo controle do Estado (Ruvalcaba 2013). Para Wallerstein, isto resulta em que a politização das decisões econômicas possa ser vista como operativa nos Estados semiperiféricos (Wallerstein 1974).

Outro aspecto importante acerca das concepções do Sistema Mundo é o de que suas posições estruturais são consideradas de forma permanente, supondo-se que a mobilidade das unidades seja bastante restrita ou até mesmo inexistente. Uma vez que a hierarquia entre os países é uma condição necessária para a manutenção do sistema capitalista, “abandonar uma posição estrutural significa desempenhar um novo papel na divisão do trabalho e não escapar do sistema” (Evans 1979, 16).

Apenas alguns países da semiperiferia podem alcançar a mudança de status em algum momento de sua história. Para conseguir, o país terá que acumular uma grande porção de vantagem em relação ao resto da semiperiferia, ou seja, um país ascendendo na hierarquia o faz não somente às expensas de países do núcleo, mas também às expensas de países da semiperiferia. Isto não é desenvolvimento, é apenas uma expropriação bem sucedida de parcela do lucro mundial (Wallerstein 1976, 466).

Resulta que, na estratificação da Economia Mundo, sendo a proporção de suas três categorias de inserção econômica constante, há baixa mobilidade dos países entre estes estratos (em termos ideais, apenas, como será visto posteriormente) e há muito pouco que o aparato estatal de um Estado semiperiférico possa fazer para alterar os mecanismos de trocas desiguais existentes no sistema capitalista:

A principal coisa a notar sobre o jogo das cadeiras [...] é que, mesmo que quem interprete cada papel possa mudar, a distribuição dos papéis (quantos em cada papel: ou seja, core, semiperiferia, periferia) manteve-se no-

tavelmente constante, proporcionalmente, ao longo da história da economia-mundo (Wallerstein 1984, 2).

Considerando-se a expectativa de mobilidade das nações entre os estratos, supõe-se que uma nação que desempenhou um papel periférico pode, ao menos teoricamente, ver-se algum dia como parte do núcleo. Porém, a mudança interna, mesmo que combinada com a transformação dos elos com os países ricos não é suficiente para que haja uma mudança de posição. É necessário haver “vaga” no topo (Wallerstein 1976). Ressalta Wallerstein que:

Para ser muito concreto, não é possível para todos os Estados se desenvolverem simultaneamente. O assim chamado *widening gap* não é uma anomalia, mas um mecanismo básico de operação da economia mundial. Naturalmente alguns países podem se desenvolver. Mas estes que progredem o fazem às expensas daqueles que declinam (Wallerstein 1974, 7).

É sabido que dentre os países periféricos alguns mudaram de status e outros não (Wallerstein 1974, 8). Para que isso ocorra, Wallerstein (1974) aponta que existem basicamente três tipos de estratégia: aproveitar a oportunidade, ser promovido por convite e autoconfiança. Wallerstein considerava ainda que a mudança ativa de status poderia se dar em dois diferentes momentos: “a passagem do estado periférico para o semiperiférico ou o reforço de um Estado semiperiférico ao ponto de que este possa proclamar que é membro do núcleo” (Wallerstein 1974, 6).

Uma característica que, por fim, deseja-se ressaltada na semiperiferia é a de que este estrato do Sistema Mundo é receptor incontestemente de investimentos oriundos de países do núcleo orgânico da economia capitalista. Quando Wallerstein (1974) cita as duas razões para a existência da semiperiferia, a razão econômica é detalhada do seguinte modo: quando um setor começa a apresentar desvantagens para os produtores seja pelo aumento dos salários (o que se dá no núcleo) seja por um declínio nas margens de lucro, a capacidade de movimentar o capital para outros setores é a única maneira de se sobreviver às cíclicas mudanças que ocorrem nos setores líderes. E os “setores” para os quais derivam-se esses investimentos são chamados de países semiperiféricos.

O conceito de semiperiferia não é apenas um meio termo, pois, como expõe Wallerstein (1979, 69-70), a semiperiferia exerce função precípua na economia mundial e no sistema interestatal. Na primeira, os Estados semiperiféricos podem aliviar o congestionamento de capital no centro (Lima 2007).

Críticas ao conceito de semiperiferia

O conceito de semiperiferia engendrado por Wallerstein é considerado por alguns autores como a sua mais importante contribuição (Babones 2005; Chase-Dunn 1998; Grell-Brisk 2017; Weng 2011; Lee 2009). Mas ainda assim o mesmo não se tornou imune a críticas das mais diversas como a de Lourenço: “A semiperiferia é algo que fica incomodamente ‘no meio’, que não se define teoricamente e que, ademais, é extremamente difusa e heterogênea” (Lourenço 2005, 179). Sanderson, por sua vez, destaca que, apesar de fazer sentido caracterizar a economia-mundo capitalista enquanto uma estrutura hierarquizada, os conceitos de núcleo, periferia e semiperiferia frequentemente produzem formas reificadas de análise sociológica, sendo preferível simplesmente fazer referência às desigualdades globais (Sanderson 2005).

Ainda, é apontado que existe muito mais mobilidade na economia mundo capitalista do que a análise do Sistema Mundo considera. Boa parte da periferia capitalista moveu-se rumo à semiperiferia e boa parte da semiperiferia moveu-se rumo ao núcleo, sendo que algumas sociedades antes periféricas estarão em breve tornando-se parte do núcleo (Sanderson 2005). Em relação ao papel da semiperiferia enquanto um mediador entre a polarização da estrutura em núcleo e o periferia, Sanderson critica o fato de que este tipo de expressão, “o papel da semiperiferia”, considera que o Sistema Mundo é um tipo de sistema orgânico no qual o próprio sistema tem consciência e aloca as tarefas de cada elemento em nível global. É o Sistema Mundo como um todo que age e não os capitalistas e trabalhadores que formam o sistema (Sanderson 2005).

O outro problema em relação ao conceito de semiperiferia é o fato de que este tanto pode ser enquadrado em termos qualitativos – a zona que possui papel estabilizador – quanto em termos quantitativos – economias com um nível intermediário de desenvolvimento – fazendo com que a semiperiferia se torne uma espécie de “categoria lixão” na qual são despejadas todas as sociedades que não se encaixam nos demais conceitos (Sanderson 2005). Sanderson (2005) sugere, ao final, que os conceitos de núcleo, semiperiferia e periferia sejam “desreificados” bem como toda a análise associada a eles. Alega que os conceitos ainda podem ser utilizados, mas apenas enquanto indicadores descritivos, sendo que a noção de que um núcleo implica necessariamente em uma periferia deve ser abdicada. De especial importância, o autor apela para que seja abandonada a noção de que a semiperiferia funciona como uma espécie de mecanismo mediador na relação entre os três elementos (Sanderson 2005).

Trazendo à tona aspectos da *longue durée*, Chase-Dunn (1997) chama a

atenção para o fato de que, até que se tenham desenvolvido comparações mais detalhadas entre os diferentes tipos de Sistema Mundo, seria prematuro concluir aprioristicamente que todas as formações de núcleo/periferia tiveram três níveis. O problema é que mensurar comparativamente as regiões utilizando-se de métodos tradicionais representa um desafio. Para que fossem analisadas as relações dentre as diferentes regiões, métodos arqueológicos poderiam ser utilizados, porém, algumas teses defendem que alguns artefatos surgiram concomitantemente em diferentes regiões do mundo sem que estas tenham tido qualquer interação. Ainda, para que sejam testadas as hipóteses que propugnam a existência de relações núcleo-periferia pressupõe-se que seja possível mensurar o nível de exploração intersocietária, bem como seria necessário desenvolver indicadores que dessem conta da desigualdade presente dentre as sociedades estudadas. Para este tipo de inferência, porém, as evidências arqueológicas são sempre problemáticas (Chase-Dunn e Hall 1997).

Ao criticar a existência da semiperiferia de modo permanente, Lee (2009) sistematizou em quatro diferentes tipos as críticas à forma trimodal do Sistema Mundo: críticas ao funcionalismo, à explicação teleológica e à visão instrumental do Estado; críticas à subestimação das relações de classe; críticas sobre o efeito de homogeneização do espaço desigual em uma mesma zona da economia mundial; críticas ao status dos estados nacionais entendidos como meros blocos de construção da economia capitalista mundial (desterritorialização). Acerca do último tipo de crítica, Lee (2009) aponta que Castells, Hardt e Negri e Taylor compartilham uma posição crítica sobre a trimodalidade tradicionalmente assumida pela perspectiva dos Sistemas Mundiais alegando que a trimodalidade do núcleo, da semiperiferia e da periferia perdeu sua vitalidade heurística na medida em que o mundo mudou.

Outras correntes engrossam o coro. Pires (1990) alega que a criação da categoria de semiperiferia tem origem em um equívoco ao se posicionar de encontro à teoria da dependência (e sua categorização polarizada de centro-periferia). Este equívoco está dado pela ideia de que uma tipologia de índole analítica deve corresponder a situações ou processos empiricamente observáveis. Dentre as críticas elaboradas ao conceito de semiperiferia está também a dos marxistas que alegam que a ênfase de Wallerstein nos efeitos da estrutura sobre as unidades do sistema fizeram com que ele negligenciasse o fato de que determinadas estruturas de classe historicamente determinam respostas locais às forças de mercado (Evans 1979).

Aqueles que pressupunham que a análise econômica permitisse definir os Estados componentes da semiperiferia lastimam que esta “não forneça indícios para o relacionamento entre a posição econômica na economia

mundial, a posição geopolítica e o surgimento das políticas semiperiféricas” (Griffiths 2004). Outros como Worsley (1979), alegavam enfaticamente que grande parte do imbróglgio conceitual dava-se pela tentativa forçada de se colocar três categorias onde deveriam estar quatro em tempos de bipolaridade (capitalista-industrial, capitalista-subdesenvolvida/agrária, comunista-industrial e comunista-agrária). Brenner (1976, apud Arrighi 1998), por sua vez, criticou a impossibilidade de que estruturas sócioeconômicas pudessem ser superficialmente generalizadas para cada um dos três estratos propostos.

Boaventura de Souza Santos, ainda que tenha utilizado a noção de semiperiferia para nortear sua concepção a respeito da conjuntura de Portugal no final dos anos 1980, condenou Wallerstein por haver criado um conceito descritivo, vago e negativo:

Descritivo, porque o seu conteúdo teórico é bastante reduzido e pouco mais que analógico. [...] Além de teoricamente pouco consistente, o conceito de semiperiferia é vago na medida em que são múltiplos e dificilmente quantificáveis os critérios de que decorre a atribuição da posição semiperiférica. [...] Por último, o conceito de semiperiferia é um conceito negativo na medida em que as características atribuíveis aos Estados ou sociedades semiperiféricas não assentam numa materialidade própria nem dispõem de uma lógica evolutiva específica, e são antes uma mistura das características atribuíveis aos Estados ou sociedades centrais e periféricas. (Santos 1985, 870).

Dentre as críticas mais comuns ao conceito de semiperiferia estão aquelas que lastimam o fato de que sua aplicação é um tanto restrita por conta de não haver consenso acerca de como deve se dar sua operacionalização. A título de exemplo, deve ser destacado que em todas as tentativas de determinação geográfica da semiperiferia os países não coincidem. A tentativa de transposição do conceito para determinadas unidades geográficas, porém, é recorrente e intensa, ainda que para alguns autores como Chase-Dunn⁴ esta não é uma tarefa necessária: “para que se produza um mapa que mostre onde estão os países semiperiféricos é necessário que pontos de corte sejam adotados, mas não é necessário alegar que existam posições empiricamente discrimináveis na hierarquia global” (Chase-Dunn 2014, 19).

⁴ Para Chase-Dunn (2014), porém, a mensuração contínua de Jeffrey Kentor’s (2000) é a melhor porque inclui PNB per capita, capacidades militares e dominação/dependência econômica. Ao utilizar-se destas três variáveis, Kentor chegou a resultados que emparelhavam com as classificações do Banco Mundial, o núcleo era uma categoria que se equipaleou ao que o Banco Mundial chama de países de renda alta (ou ao “Norte Global” como muitos mencionam), enquanto que o “Sul Global” dividiu-se entre a semiperiferia e a periferia.

A incógnita geográfica: mensurando a semiperiferia

Apesar de ser possível extrair alguns elementos normativos, Wallerstein, nunca preocupou-se demasiadamente em definir espacialmente o local geográfico da semiperiferia. Isto por, justamente, conceber a estrutura trimodal do Sistema-Mundo enquanto algo metafórico e representativo de determinados elementos político-econômicos existentes em um sistema de trocas desiguais. A concentração geográfica dos processos econômicos periféricos ou centrais decorre, obviamente, do surgimento do Estado, o que para Wallerstein, em seu paradigma braudeliano da *longue durée*, acabava por tomar como mais um dos elementos surgidos no curso da complexificação da economia mundo capitalista:

A tônica dessas observações ignora o fato de que o capital nunca permitiu que suas aspirações fossem determinadas pelas fronteiras nacionais em uma economia-mundo capitalista, e que a criação de barreiras “nacionais” genericamente, o mercantilismo - tem sido historicamente um mecanismo defensivo dos capitalistas [...] (Wallerstein 1974a, 402).

O conceito de semiperiferia é controverso não somente no moderno Sistema Mundo, mas também quando se tem como referência sistemas pré modernos. Para sanar este problema Chase-Dunn e Hall (1997) definem a semiperiferia de modo suficientemente amplo de modo a que atenda a algum dos seguintes princípios:

- 1 - Uma região semiperiférica deve ter formas de organização típicas do núcleo e da periferia.
- 2 - Uma região semiperiférica deve estar espacialmente localizada entre o núcleo e a periferia.
- 3 - Uma região semiperiférica deve estar espacialmente localizada entre duas ou mais regiões de núcleo.
- 4 - A mediação entre áreas de núcleo e periféricas deve poder ser realizada em regiões semiperiféricas.
- 5 - Uma área semiperiférica deve aquela na qual características institucionais sejam intermediárias daquelas encontradas no núcleo e na periferia (Chase-Dunn e Hall 1997, 37).

Wallerstein (1974) apregoa que, na tentativa de identificação da semiperiferia não se deve identificar produtos ou setores em particular, mas sim observar os padrões salariais e margens de lucro de determinados produtos em determinados momentos de modo a que seja possível determinar quem

faz o quê no sistema. Em um sistema de trocas desiguais os países semiperiféricos ficariam em um meio termo no que concerne seus produtos exportados, seus níveis salariais e suas margens de lucro. Em uma das poucas vezes em que Wallerstein apontou para a localização geográfica da semiperiferia⁵:

A semiperiferia inclui uma vasta gama de países em termos de força econômica e panorama político. Ela inclui os países economicamente fortes da América Latina: Brasil, México, Argentina, Venezuela, possivelmente Chile e Cuba. Ela inclui toda a borda externa da Europa: a camada do sul de Portugal, Espanha, Itália e Grécia; a maior parte da Europa oriental; partes da zona do norte como Noruega e Finlândia. Ela inclui uma série de Estados árabes: Argélia, Egito, Arábi Saudita; e também Israel. Ela inclui na África pelo menos a Nigéria e o Zaire, e na Ásia, Turquia, Irã, Índia, Indonésia, China, Coreia e Vietnã. E ela inclui a antiga Commonwealth branca: Canadá, Austrália, África do Sul, possivelmente Nova Zelândia (Wallerstein 1976, 465).

Apesar da dificuldade metodológica apresentada em se tentar determinar a constituição da semiperiferia, diversas tentativas foram realizadas a partir do surgimento do conceito. Em 1979, Snyder e Kick apresentaram algumas contribuições à operacionalização da semiperiferia ao propor uma modelagem em blocos para 118 países. Eles definiram a estrutura do sistema de acordo com quatro tipos de redes internacionais: fluxos de comércio, intervenções militares, trocas diplomáticas e conjuntos de tratados.

Em 1985, Nemeth e Smith propuseram uma estruturação do Sistema Mundo com base nos padrões de comércio dos países. Para eles, a questão estratégica não se dava pelo número de camadas que haveria, mas sim pelo fato de que os países ocupavam posições estruturais em um coerente Sistema Mundo. Inspirados pelo trabalho de Snyder e Kick (1979), Nemeth e Smith (1985) criaram uma modelagem por blocos para 86 países de economia não planejada, utilizando-se, porém, de variáveis distintas que consideravam o tipo de produto a ser intercambiado, podendo ser produtos acabados ou matérias primas.

Na esteira de Snyder e Kick (1979) e Nemeth e Smith (1985), em 1992 Smith e White refizeram a análise das redes internacionais de comércio com a introdução de alguns melhoramentos como o uso de uma nova medida de equivalência de padrão de industrialização e o desenvolvimento do método de

⁵ Importante destacar que os três poderes hegemônicos reconhecidos por Chase-Dunn (1998), Holanda, Inglaterra e Estados Unidos, fizeram parte em algum momento de sua história da região semiperiférica do Sistema Mundo.

modo mais dinâmico com a mensuração ocorrendo em três diferentes anos (1975, 1970 e 1980).

Na tentativa de determinar quais países fazem parte de qual categoria do Sistema Mundo, Terlouw⁶ (1993) agrupou seis diferentes indicadores: participação no comércio mundial, estabilidade das relações comerciais (no que tange à mudança de parceiros), proporção do PIB per capita em relação ao PIB mundial, poderio militar, número de representações diplomáticas enviadas e recebidas e número de diplomatas enviados e recebidos.

A tentação é grande de encher a semiperiferia de Estados que não são exemplos claros da periferia ou do núcleo. A semiperiferia pode ser facilmente utilizada como uma categoria residual para estados problemáticos na teoria do Sistema Mundo, os quais mantenham características específicas, porém incomparáveis. A semiperiferia tende a abrigar os casos desviantes, as exceções à regra (Terlouw 1993, 91).

Na tentativa de determinar quais países fazem parte de qual categoria do Sistema Mundo, Terlouw (1993) agrupou seis diferentes indicadores: participação no comércio mundial, estabilidade das relações comerciais (no que tange à mudança de parceiros), proporção do PIB per capita em relação ao PIB mundial, poderio militar, número de representações diplomáticas enviadas e recebidas e número de diplomatas enviados e recebidos.

A tentação é grande de encher a semiperiferia de Estados que não são exemplos claros da periferia ou do núcleo. A semiperiferia pode ser facilmente utilizada como uma categoria residual para estados problemáticos na teoria do Sistema Mundo, os quais mantenham características específicas, porém incomparáveis. A semiperiferia tende a abrigar os casos desviantes, as exceções à regra (Terlouw 1993, 91).

Korzeniewicz e Martin (1994) seguiram o método proposto por Arrighi e Drangel (1986), que será tratado a seguir, para encontrar os representantes das três camadas do Sistema Mundo utilizando-se de uma base que

⁶ Terlouw (1993) classificou em dois tipos os estudos que tentam medir a semiperiferia: estudos focados em relações (Snyder e Kick 1979; Nemeth e Smith 1985) e estudos que focam nas características dos Estados (Arrighi e Drangel 1986). Terlouw (1993) ao analisar estes diversos estudos que tentavam alocar estados nas categorias de núcleo, semiperiferia e periferia observou que os únicos países que sempre estavam no núcleo eram Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha, bem como a vasta maioria dos países foi em alguma das pesquisas estudadas classificado como semiperiférico, porém nenhum país foi classificado como semiperiférico em todos os estudos.

cobria 134 países em 34 anos. Para os autores, em consonância com o artigo seminal de Arrighi e Drangel (1986), foi considerado que os processos produtivos que constituem as cadeias produtivas geram recompensas desiguais, fazendo com que a distribuição das riquezas no Sistema Mundo se dê de modo também desigual. Se as cadeias produtivas, então, refletem a divisão do trabalho no sistema, o resultado de todas as transações deve ser passível de ser encontrado na distribuição global das riquezas.

Van Rossem (1996) construiu um mapa do Sistema Mundo coletando dados de 163 países para cinco diferentes redes de relações de dependência entre nações: importações, exportações, comércio de armas, presença de tropas estrangeiras e presença de representação diplomática. Van Rossem partiu do pressuposto que o Sistema Mundo é um sistema múltiplo que consiste de relações militares e econômicas. Seus achados sugerem que a melhor medida para os papéis desempenhados pelos extratos do Sistema Mundo é o próprio tamanho absoluto da economia. Sua pesquisa, porém, classificou como membros do núcleo países não usuais nessa posição como Brasil, China e Arábia Saudita, deixando de fora uma série de países com melhores condições econômicas.

Babones⁷ (2005) reconhece que as mais diversas tentativas de mensurar a semiperiferia foram bem sucedidas atingindo, por meio da análise de padrões de comércio, de redes econômicas, de relações políticas ou militares ou da distribuição de níveis de renda, o objetivo de demonstrar a existência de uma estrutura dividida em três diferentes zonas. Em razão de que não há um método amplamente aceito para realizar a divisão dos países nas três distintas zonas, o autor propõe uma atualização do método proposto por Arrighi e Drangel (1986).

Recentemente Grell-Brisk (2017) apresentou outra reedição do método proposto por Arrighi e Drangel (1986) localizando nos três estratos, periferia, semiperiferia e núcleo, toda a base de dados do Banco Mundial para

7 Babones (2005) distinguiu entre as diversas tentativas de se determinar quais países pertencem a quais extratos, três diferentes correntes. A tradição das redes dadas pelos estudos de Snyder e Kick (1979), Nemeth e Smith (1985), Van Rossem (1996) e Smith e White (1992) que capturam a noção de papéis para as zonas do Sistema Mundo, mas que sofrem de algumas deficiências como as informações estarem disponíveis para apenas algo em torno de 60-80 países. A tradição do *continuum* está baseada na corrente teórica de Chase-Dunn e expressa nas propostas de Terlouw (1992) e Kentor (2000), que enfatizam uma escala de Estados em uma linha contínua de status e poder. Por fim, Babones (2005) detecta a tradição da renda, estando esta representada pelos estudos de Arrighi e Drangel (1986) e Korzeniewicz e Martin (1994) que consideram a premissa de que todos os Estados contêm em alguma medida atividades do núcleo e da periferia em suas fronteiras e, sendo as primeiras melhor remuneradas, isto deve estar refletido no PNB *per capita* do país.

uma extensão temporal superior a do estudo original. A principal conclusão da autora foi a de que, com a entrada da China na semiperiferia, a estrutura como um todo estaria comprometida e não mais serviria como um amortecedor de conflitos.

A proposta de Arrighi e Drangel (1986)

Dentre todas as tentativas de se aplicar a semiperiferia às divisões geográficas mundiais estabelecendo assim uma morfologia para o conceito, o estudo de Arrighi e Drangel de 1986 foi um divisor de águas. Wallerstein utilizou o conceito em discussão enquanto um instrumento taxonômico em análises de determinadas conjunturas, como por exemplo, quando reflete sobre países “semiperiféricos clássicos” como a Rússia e alguns europeus que declinaram do centro da economia do Sistema-Mundo, como Portugal e Espanha. Mas sua abordagem não foi muito além do que foi até agora reunido neste texto.

Em razão desta carência, em um clássico estudo realizado em parceria com Jessica Drangel, Giovanni Arrighi lançou-se à complexa tarefa de identificar quais países fariam parte da semiperiferia em diferentes momentos da história, não sem protestar contra o pouco auxílio oferecido na empreitada pelo próprio autor do conceito que se contentara em proclamar que um estado semiperiférico seria aquele que atendesse a dois critérios, (i) o de se encontrar em uma posição intermediária no sistema de trocas desiguais em termos de suas exportações, dos níveis salariais e das margens de lucro praticadas em seu interior, bem como (ii) a existência de um interesse do Estado em questão em cumprir um papel altamente intervencionista em seus mercados internos e externos (Arrighi e Drangel 1986).

Por conta da relevância teórica da semiperiferia, Arrighi e Drangel realizaram em 1986, algum esforço metodológico para que fossem encontrados parâmetros objetivos para a classificação dos países neste estrato da economia mundo. Na tentativa de demonstrar empiricamente a existência de uma divisão trimodal na economia capitalista, os autores instrumentalizaram o conceito por meio da análise do Produto Nacional Bruto (PNB) per capita de 96 países. A escolha do indicador deu-se em razão de que países do centro realizam um maior volume de atividades “centrais” do que os das demais categorias. Ainda que nenhum país execute apenas atividades “centrais” ou apenas atividades “periféricas”, as primeiras estão marcadas pela peculiaridade de concentrar o lucro do sistema. Estados centrais, então, seriam aqueles que controlam o acesso às cadeias de produtos mais lucrativas de diversos

Estados, aqueles que proporcionam infraestrutura e serviços requeridos por atividades do centro e que são capazes de criar um clima favorável aos empreendimentos capitalistas.

Sendo as atividades centrais mais lucrativas, na divisão do trabalho mundial, e estando estas essencialmente ligadas ao processo de inovação e destruição criativa com vistas à prorrogação da possibilidade de monopólio descrita por Schumpeter (1975), para Arrighi e Drangel (1986:31) “a diferença no comando de todos os benefícios advindos da divisão do trabalho mundial precisa estar refletida em diferenças comensuráveis no PNB dos Estados em questão”. A partir da representação gráfica da distribuição de frequência da população mundial (em termos percentuais) de acordo com o país de origem, em relação ao logaritmo do PNB (em intervalos de 0,1), o autor confirmou a presença constante de três intervalos de distribuição em nove momentos históricos diferentes, entre 1938 e 1983. Para além dos três intervalos, havia em alguns momentos instâncias intermediárias entre esses intervalos que os autores chamaram de perímetro da semiperiferia e perímetro do núcleo orgânico.

Não se sabe se pela inércia causada pela ausência de formulação que a contrapusesse à altura ou se pela precisão de seus parâmetros metodológicos, Arrighi seguiu considerando a pesquisa realizada com Drangel como algo muito relevante, tanto é, que a menciona em diversos de seus textos até meados de 1990. Porém, a partir de então, quando menciona o estudo no livro “O longo século XX” não mais indica haver encontrado os três estratos sobre os quais se assenta o capitalismo, mas sim, refere-se a eles como sendo “países” de renda baixa, média ou alta (Arrighi 1994, 348). Arrighi assume, inclusive, no prefácio da referida edição que ausência de sua preocupação anterior em relação aos estratos do Sistema-Mundo:

A luta de classes e a polarização da economia mundial em centros e periferias - ambas as quais desempenharam um papel destacado em minha concepção original do longo século XX - desapareceram de cena quase por completo. Muitos leitores ficarão intrigados ou até chocados com essas e outras omissões (Arrighi 1994, XII).

Em 2003 Arrighi publica um artigo com uma preocupação bastante similar ao estudo seminal que será aqui reproduzido, buscando comparar a convergência no nível de industrialização dos países com a média do PNB dos países do primeiro mundo a fim de perceber o quanto os incrementos nas taxas de industrialização acompanhavam o incremento da renda que cada cidadão alcançava obter em comparação aos cidadãos das economias avan-

çadas. Assim, a preocupação com a divisão dos ganhos da economia-mundo apareceu novamente no radar de Arrighi, porém, o autor não assume estar reeditando a pesquisa anterior, bem como reincide em negar a paternidade de seus achados ao se referir a ela de modo enviesado:

É uma hierarquia de riqueza muito estável que Giovanni Arrighi e Jessica Drangel (1986) encontraram para o período de 1938-1983. Com base na distribuição mundial do PNB per capita, eles identificaram três grupos distintos de países (países de alta, média e baixa renda). Além disso, eles descobriram que a mobilidade ascendente / descendente de longo prazo dos países de um grupo para outro era extremamente rara (Arrighi 2003, 6).

O curioso é que apesar de Arrighi não haver associado o estudo de 2003 com a pesquisa de 1986 na qual tentava instrumentalizar o conceito de semiperiferia, o próprio Wallerstein revela que esta era de fato sua intenção em um artigo de 2005:

E, embora nossos dados estatísticos tenham um mínimo de qualidade quanto aos últimos 75-100 anos, estudos comparativos como os que temos mostram uma distribuição trimodal constante da riqueza no Sistema Mundo, com alguns países saindo de uma categoria para outra. [...] O artigo clássico é o de Giovanni Arrighi e Jessica Drangel, “A estratificação da economia mundial: uma exploração da zona semiperiférica”. Arrighi está atualizando este argumento para um artigo futuro (Wallerstein 2005, 1267).

Além disso, em um estudo anterior sobre o continente africano de 2002, Arrighi reedita a preocupação com a apropriação da mais valia do sistema capitalista (Arrighi 2002). Neste estudo o autor analisa o conjunto do PNB per capita da África Subsaariana em relação ao conjunto do PNB per capita mundial. Em ambos os estudos, o de 2002 e o de 2003, Arrighi preocupou-se em avaliar o crescimento da apropriação da renda por parte de determinados grupos de países de modo binário, satisfazendo-se em perceber se estes acompanhavam ou não o crescimento dos dois grupos de referência utilizados (os países do “primeiro mundo” em um dos artigos e o total da população mundial em outro).

O aparente empobrecimento metodológico, uma vez que Arrighi não mais associava as desigualdades encontradas ao problema da divisão internacional do trabalho desigual na estratificação da economia mundo é compreensível, pois o abandono dos debates da década de 1970, nos marcos do Sistema-Mundo de Wallerstein pode ter sido um sacrifício necessário em prol do combate à proliferação cada vez mais acentuada da atual idéia unívoca de de-

envolvimento econômico associado ou à industrialização ou a uma concepção idealizada de “boa governança”, no caso dos países em desenvolvimento. Com estas duas pesquisas, Arrighi estabelece parâmetros importantes para que não predominem sem contestação determinados padrões generalizantes e reprodutores das estruturas de exploração necessárias à economia mundo, porém, ao dar esta guinada rumo a outras frentes de debate, abandonou sua metodologia anterior um tanto precipitadamente como será sustentado a seguir.

As concepções deste estudo, porém, não ficam imunes a críticas, como a de Lima:

A metodologia e alguns pressupostos, todavia, podem ser considerados insuficientes. Na pesquisa, há falta de observações para alguns países em diferentes anos, principalmente para os periféricos e para parte dos semiperiféricos. Ocorre uma quebra estrutural na série, pois há mudança da fonte, o que também modifica a metodologia de cálculo. Esses pesquisadores fizeram uso de valores de PNB per capita para dólares ao câmbio corrente no período de 1937 a 1983. Os diferentes níveis de preços a que estão sujeitos diversos países em momentos distintos implicam, em geral, discrepâncias incontornáveis se esses efeitos não forem neutralizados. A comparabilidade internacional torna-se deficiente caso contrário (Lima 2007, 64).

Dentre as críticas possíveis ao método proposto por Arrighi e Drangel, está a que argumenta que o PNB per capita não é um indicador que esteja dado em termos relativos. Porém, para Korzeniewicz e Martin (1994) o uso deste indicador como distribuição relativa das recompensas agregadas é um indicativo da distribuição de atividades do núcleo e atividades periféricas na economia mundial. Nem todos os autores, entretanto, concordam com a afirmativa:

A utilização da renda per capita como aproximação da parcela de atividades periféricas e centrais em determinado país parece extremamente problemática. Seria mais representativa para esses fins a utilização de uma medida de estoque – riqueza, patrimônio líquido – e não de fluxo. Como essas medidas de fluxo são muito mais sensíveis a efeitos nitidamente temporários – a elevação do preço do petróleo, por exemplo –, acabam sendo gerados resultados nitidamente distorcidos sobre a posição hierárquica dos países produtores de petróleo, da forma definida pelo artigo de Arrighi, além de outros países em posição similar, com forte especialização em poucos produtos (Lourenço 2005, 184).

Apesar das críticas, o método proposto por Arrighi e Drangel (1986) está consagrado na literatura. Sua concepção foi intensamente replicada e também alvo de elogios. Em 1988, Peter Taylor publicou algumas notas de suporte ao método proposto. Taylor (1988) testou a robustez da proposição de Arrighi e Drangel reorganizando espacialmente a população mundial removendo as fronteiras estatais encontrando, apesar das alterações, o mesmo padrão trimodal.

Atualizando o estudo de Arrighi e Drangel (1986)

Replicar a estratificação de Arrighi e Drangel, porém, foi uma tentativa que se deparou com uma série de dificuldades operacionais e metodológicas. De início, havia o fato, impossível de ser ignorado, de que a progressão logarítmica do PNB não reflete analiticamente nenhuma das características essenciais do conceito de semiperiferia descritas anteriormente a partir da obra de Wallerstein. Os atributos qualitativos genéricos de difícil verificação realmente não podem ser apropriados por meio de um estudo estatístico, porém, frente aos resultados obtidos, foi assumido o risco da própria lógica do método proposto pelos dois autores, que está centrada no fato de que o núcleo orgânico do Sistema-Mundo concentra os ganhos das cadeias produtivas mais lucrativas, independentemente de onde a produção esteja localizada, e isto deve estar representado no PNB por ser este um indicador que inclui, em adição ao PIB (Produto Interno Bruto), a renda líquida recebida do exterior (RLRE)⁸. Assim, enquanto o PIB reflete aquilo que é produzido internamente nas fronteiras de um Estado, o PNB demonstra também as transações ocorridas em território internacional, de propriedade dos cidadãos deste Estado.

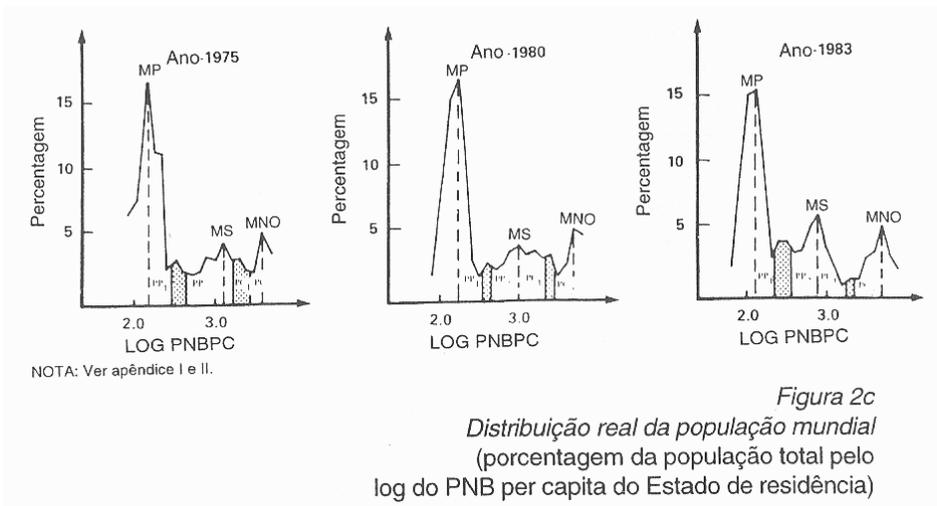
O segundo desafio na replicação do estudo, que era necessário que se verificasse, ao menos em termos parciais, se deu em relação ao conjunto de indicadores utilizados por Arrighi e Drangel, uma vez que para as nove distribuições do PNB calculadas pelos autores, três fontes de dados distintas foram utilizadas de modo não especificado. Outro problema central era o fato de que nem todos os países foram utilizados em cada uma das distribuições encontradas pelos autores, sendo utilizadas três diferentes “cestas” de países para os cálculos. Ademais, no estudo referência, o PNB per capita de todos os cidadãos do planeta havia sido convertido em dólares constantes de 1970,

⁸ Na contabilidade nacional, a Renda Líquida Recebida do Exterior (RLRE) inclui as seguintes contas do Balanço de Pagamentos: A) Balanço de rendas: salários e ordenados, renda de investimento direto (inclui lucros e dividendos e juros de empréstimos intercompanhias), renda de investimento em carteira (inclui lucros e dividendos e juros de títulos de dívidas), renda de outros investimentos. B) Transferências unilaterais correntes (Carvalho e Silva 2006).

utilizando-se o deflator do PNB norte-americano.

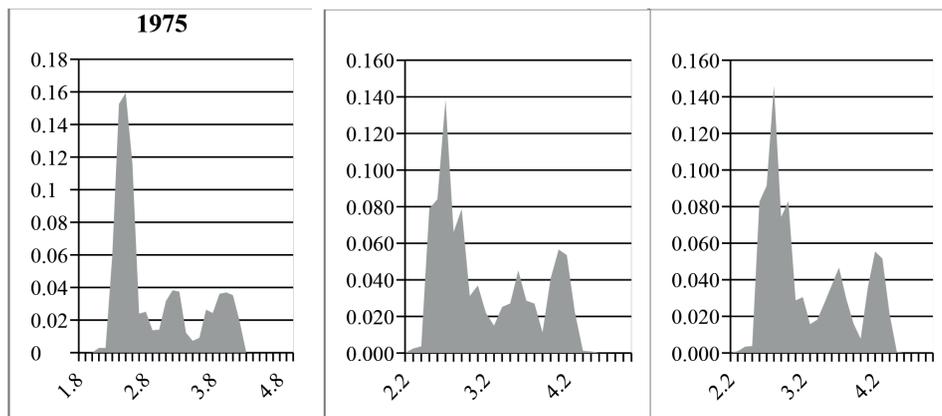
Uma vez que os dados disponíveis para a realização do estudo eram as bases de dados do Banco Mundial e que o PNB per capita estava informado em paridade de poder de compra, optou-se por replicar os testes de Arrighi para as três distribuições para as quais havia dados disponíveis, os anos de 1975, 1980 e 1983. Na Figura 2 pode ser percebido que, apesar de não serem idênticos, os desenhos refletem uma distribuição bastante similar ao estudo original (Figura 1), fato este que comprovou a possibilidade de que a pesquisa fosse replicada com base no procedimento descrito em seguida. Cabe lembrar que as pequenas distinções encontradas entre os gráficos originais e os presentes se devem a diferenças de menor relevância entre as bases de dados utilizadas, que podem ter sido causadas pela ausência de alguns poucos países em uma ou outra edição do estudo.

Figura 1: Reprodução de figura (Arrighi e Drangel 1997, 165).



Fonte: Página 165 de Arrighi, Giovanni, e Jessica Drangel. A estratificação da economia mundial: considerações sobre a zona semiperiférica. In: Arrighi, Giovanni. 1997. A ilusão do desenvolvimento. Petrópolis: Vozes.

Figura 2: Distribuição do percentual da população mundial pelo logaritmo do PNB per capita anual para 1975, 1980 e 1983.



Fonte: Banco Mundial. Elaboração própria.

Para cálculo das distribuições exibidas na Figura 2, foram utilizados os dados disponíveis nas bases de dados online do banco mundial (World Bank 2012; World Bank 2017) à exceção da Rússia para o período anterior a 1989, que teve valores do PNB estimados com base em dados obtidos em outra fonte (Ofer 1988). O PNB per capita foi convertido para uma escala logarítmica e a população registrada para cada país, convertida para um percentual. As frequências do logaritmo do PNB encontradas foram distribuídas em intervalos decimais e cada uma delas foi relacionada com o percentual da população mundial que correspondia em termos de renda a cada um destes intervalos. De acordo com a proposta de Arrighi e Drangel (1986), as distribuições de frequência foram atenuadas por uma média móvel de três intervalos. O resultado destes cálculos são os apresentados na Figura 2 acima.

Antes que sejam expostos os resultados para os períodos subsequentes, outras considerações metodológicas se fazem necessárias. Garantiu-se confiabilidade no uso do método diante da impossibilidade de que os mesmos países estivessem incluídos na réplica do estudo de Arrighi e Drangel, pelo fato de que a cobertura dos cálculos demonstrados acima foi bastante superior ao do estudo original, o que comprova que a os indicadores propostos pelos autores são capazes de representar graficamente o Sistema-Mundo em seus estratos, independentemente dos estados serem absolutamente os mesmos. Uma vez que a proposição testada trata-se de um padrão de divisão dos lucros no Sistema-Mundo, que não é alterado por pequenas variações nas amostras, as comparações realizadas acima (Figura 1 e Figura 2) foram in-

terpretadas como uma confirmação da possibilidade de replicar o método do artigo de 1986.

Como dito, o presente estudo foi realizado com uma cobertura da população mundial ainda mais ampla que a de Arrighi e Drangel. A maior das “cestas de países” utilizada no estudo original continha 104 unidades, sendo que nos testes acima realizados trabalhou-se com a totalidade dos dados disponíveis dentre os 216 países existentes nas bases de dados do Banco Mundial. Para garantir que grandes parcelas da população não estivessem omitidas dos cálculos, tanto os já apresentados, como os que o serão a seguir, foi realizada a contagem do percentual de países para os quais não foi possível obter o PNB per capita. Os dados omisso nas bases o Banco Mundial foram, então, 11% da população mundial para a década de 1970, 8% para a década de 1980, 3% para a de 1990 e 1% para a de 2000 e 2010.

Em conclusão aos aspectos metodológicos, cabem alguns comentários em relação aos procedimentos e suas implicações, sendo duas em desabono à proposta de Arrighi e Drangel e uma em prol do método. A primeira delas se refere à questão da abordagem altamente reducionista dada pelo uso da escala logarítmica utilizada para demonstrar a distribuição da riqueza mundial. Apesar de esta haver refletido constantemente uma distribuição trimodal, permite que dentre os integrantes da categoria da semiperiferia em 2010⁹, por exemplo, estejam incluídos países com uma renda tão díspar quanto a República do Congo (com um PNB per capita de US\$ 3.220,00) e a Estônia (com US\$ 19.760,00). Apesar de reunir países com rendas bastante distintas em uma mesma categoria, o método de Arrighi e Drangel (1986) dá conta de demonstrar graficamente que, ainda assim, em escala logarítmica, a economia mundo é extremamente polarizada intra e inter categorias.

O segundo aspecto amplamente discutível do método aqui abordado é o uso da média móvel de três intervalos dentro de uma mesma sequência de dados para fins de suavização das curvas. Em termos mais rigorosos, a média móvel poderia tão somente ser aplicada em séries temporais, calculando-se,

9 Em 2010 faziam parte da semiperiferia os seguintes países, em ordem crescente de PNB per capita: Congo, Rep., Moldova, Iraq, Guyana, Micronesia, Kiribati, Índia, Timor-Leste, Mongólia, Honduras, Cape Verde, Philippines, Indonésia, Samoa, Vanuatu, Fiji, Tonga, Morocco, Bolívia, Guatemala, Swaziland, Bhutan, Georgia, Sri Lanka, Paraguay, Syrian Arab Republic, Angola, Armenia, Jordan, Egypt, Arab Rep., Belize, Namíbia, El Salvador, Ukraine, Jamaica, Turkmenistan, China, Ecuador, Maldivas, Algeria, Thailand, Albania, Bosnia and Herzegovina, Peru, Dominican Republic, Colombia, Tunisia, Azerbaijan, Grenada, South Africa, St. Lucia, Kazakhstan, St. Vincent and the Grenadines, Macedonia, Brazil, Palau, Serbia, Costa Rica, Dominica, Venezuela, Panama, Montenegro, Gabon, Bulgária, Belarus, Botswana, Mauritius, Uruguay, Romania, Lebanon, Malaysia, Mexico, Chile, Turkey, Argentina, St. Kitts and Nevis, Latvia, Lithuania, Croatia, Hungary, Poland, Russian Federation, Estonia.

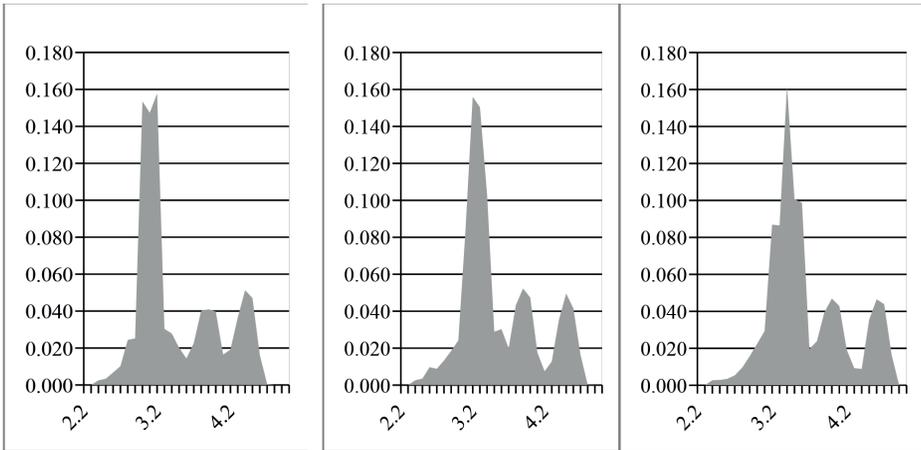
no caso em questão, a média dos três últimos anos de cada um dos índices apresentados no estudo. Porém, Arrighi e Drangel (1986) utilizaram o recurso sobre as distribuições de frequência encontradas em cada ano, tornando discutível, por um lado, a validade do recurso estatístico, mas obtendo, por outro, um resultado constante de distribuição trimodal, desde 1938 até 1983.

Por último, em termos de referendo ao método de Arrighi e Drangel (1986), os cálculos foram realizados com o uso de outros indicadores para que se pudesse verificar se a polêmica média móvel produziria o mesmo efeito. Foi encontrado, então, que o discutível uso da atenuação pela média móvel de três intervalos não é um subterfúgio que permite que sejam encontradas distribuições trimodais para todo e qualquer dado inserido na função. Foram realizados testes pra todos os anos que serão aqui apresentados com o PIB, sendo que o padrão de distribuição trimodal constante que aparece com o uso do PNB não foi encontrado.

Feitas as devidas considerações metodológicas que tinham como maior objetivo resgatar a validade da pesquisa de Arrighi e Drangel de 1986, os resultados encontrados foram surpreendentes. O presente estudo encontrou graficamente a distribuição trimodal do PNB mundial em todos os anos entre 1972 e 2003. Supõe-se que o mesmo padrão não foi encontrado nos anos anteriores a 1972 devido à indisponibilidade de dados, já que para mais de 24% da população mundial os dados do PNB estavam omissos na fonte utilizada, o Banco Mundial.

Conforme as expectativas para toda a década de 1990 foi possível localizar no mapa de distribuição a periferia, a semiperiferia e o centro (núcleo orgânico), como pode ser verificado na Figura 3. É relevante salientar que os gráficos que serão aqui apresentados não demarcam as modalidades da periferia, semi e núcleo como no estudo original (Figura 1), tampouco foram realizados os cortes (linhas pontilhadas nas distribuições do estudo original) para separar os perímetros que dividem as três zonas.

Figura 3: Distribuição do percentual da população mundial pelo logaritmo do PNB per capita anual para 1990, 1995 e 2000.

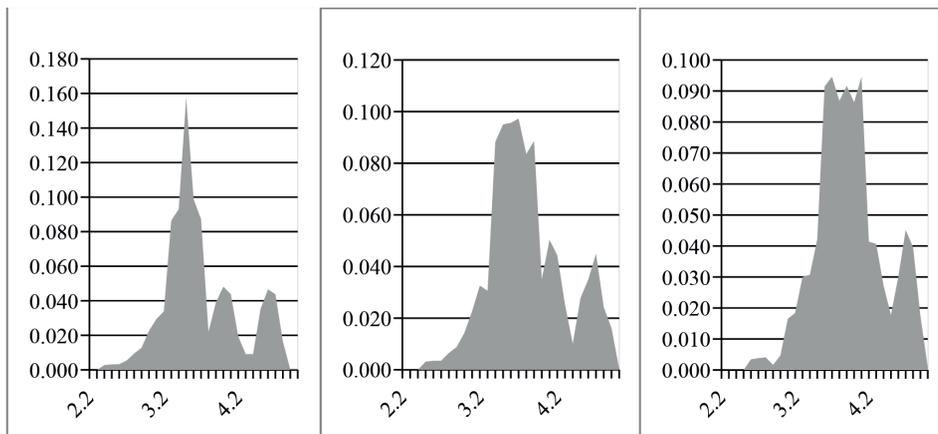


Fonte: Banco Mundial. Elaboração própria.

O que ocorre com a estratificação da economia mundo, porém, no início da década passada é algo que nem Arrighi, tampouco Wallerstein jamais esperariam ocorrer conforme pode ser verificado na Figura 4. Para Wallerstein a existência de uma camada intermediária era essencial para a estabilidade do sistema, sendo que o mesmo fora enfático ao afirmar que “É uma condição normal para qualquer tipo de Sistema Mundo ter uma estrutura de três camadas. Quando este deixa de ser o caso, o Sistema Mundo se desintegra” (Wallerstein 1974a, 404). Ele aceitava, no entanto, que alguns países se deslocassem entre as categorias na medida em aqueles que ocupavam uma posição central iniciassem uma trajetória de decadência, processo este que foi exaustivamente tratado nos volumes que fundamentam a análise sistêmica.

Arrighi, por sua vez, abordava a estrutura do Sistema-Mundo de um modo ainda mais estático, afirmando que, ainda que houvesse infindáveis esforços dos aparatos estatais da periferia e da semiperiferia para uma aproximação com a renda do núcleo orgânico, em termos de posicionamento nos estratos, 95% dos países permaneceram em todos os momentos no mesmo grupo (periferia, semiperiferia ou centro) no estudo original, enquanto que poucos lograram uma ascensão ou foram rebaixados à categoria inferior: “A mobilidade para cima ou para baixo de Estados, individualmente, não está excluída, mas é considerada excepcional” (Arrighi e Drangel 1986, 42). No caso abaixo, os resultados encontrados contradizem esta posição.

Figura 4: Distribuição do percentual da população mundial pelo logaritmo do PNB per capita anual para 2001, 2005 e 2010.



Fonte: Banco Mundial. Elaboração própria.

No ano de 2003 inicia-se uma tendência que é aprofundada ainda mais em 2009, com o abalroamento da periferia e da semiperiferia mundial. Se há muito está predito que o Sistema-Mundo encaminha-se para alterações estruturais definitivas, vide todo o debate que se instaurou sobre os problemas do capitalismo por conta da crise de 2008, os indícios apresentados neste modelo analítico referendam a idéia de que mudanças profundas estão ocorrendo. Duas unidades estatais, porém, são as grandes responsáveis por boa parte delas, uma vez que a alteração das distribuições dos gráficos apresentados se deu sumariamente pela entrada da China e da Índia na semiperiferia em 2003.

Se essas tendências se apresentarem como definitivas e se o estudo de Arrighi e Drangel (1986), aqui replicado, pode ser dado como preciso para indicar as formações dos estratos da economia mundo conceitualmente desenvolvidos por Wallerstein, a época que se avizinha promete ser de grande turbulência porque a camada intermediária, que antes garantia estarem apartados mundos culturalmente longínquos e desiguais, mas profundamente ligados por laços de exploração econômica, fundiu-se com o avanço da periferia rumo às atividades economicamente centrais.

Para além das considerações já realizadas, cabe destacar que a intenção de replicar o estudo desenvolvido por Arrighi e Drangel não teve como objetivo enaltecer um suposto cientificismo econométrico, mas sim, trazer de volta ao centro das atenções certas construções teóricas que, apesar de ha-

verem sido desenvolvidas em outro tempo e lugar, tiverem sua gênese justamente no epicentro dos eventos que culminaram nas transformações que vivemos contemporaneamente.

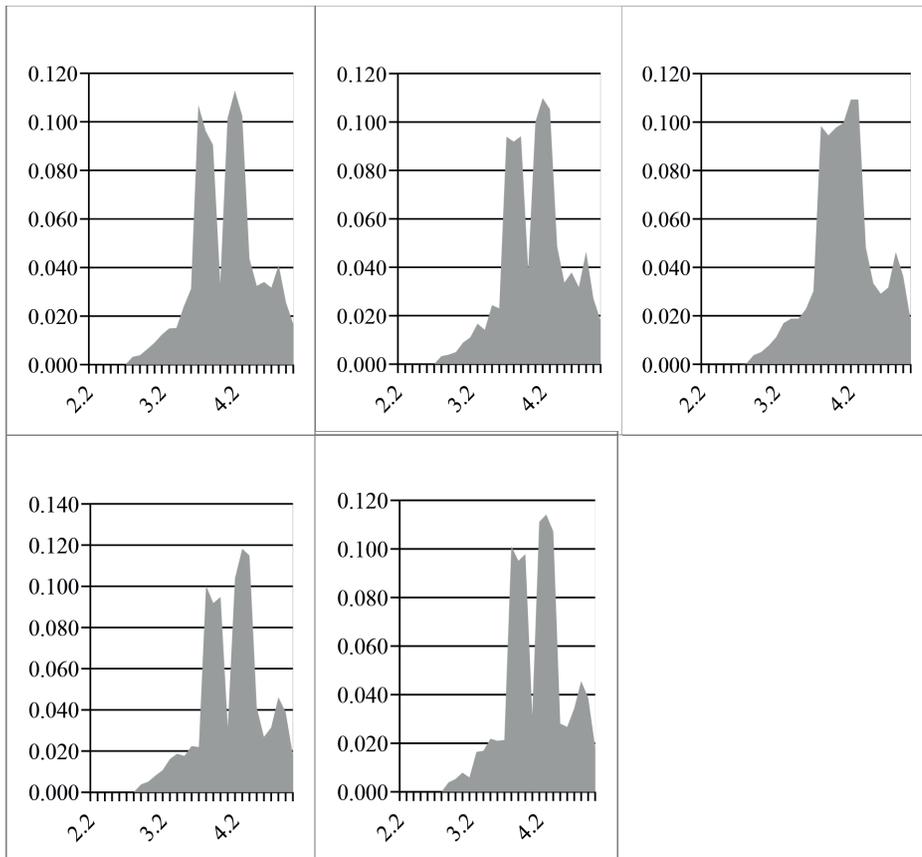
O exercício estatístico aqui realizado revelou a ruptura de estruturas que, segundo Wallerstein, estabilizaram-se a partir do século XVII (Wallerstein 1974a). Considerando-se sua tradição epistemológica, alguns outros desenvolvimentos de sua obra podem ser utilizados para análise das tendências que estão a se formar:

A principal explicação da suposta mudança estrutural fundamental tem sido a insatisfação dos explorados e oprimidos. Conforme as condições pioravam, as pessoas de baixo, ou algum grupo muito grande, estavam destinadas - argumentava-se - a se rebelar. Haveria o que geralmente é chamado de revolução. Não vou retomar os argumentos e contra-argumentos, que são, sem dúvida, bastante familiares a quase qualquer um que tenha estudado seriamente a história do moderno Sistema Mundo. [...] No entanto, não acredito que uma nova versão do movimento revolucionário seja o fator fundamental no que vejo como o colapso estrutural da economia mundial capitalista. Os sistemas colapsam não principalmente por causa da rebelião vinda de baixo, mas por causa das fraquezas das classes dominantes e pela impossibilidade de manterem seu nível de ganho e privilégio (Wallerstein 2005b, 1269).

Em consideração à passagem acima reproduzida, deve ser consensual o fato de que a profunda transformação da estrutura ocorreu até o presente momento em um movimento silencioso em termos do conflito que se deveria esperar com o estreitamento das fronteiras da periferia com a semiperiferia, por ser justamente o estrato intermediário, o elemento estabilizador do sistema. Porém, o processo de extinção da camada intermediária, que posteriormente reverteu-se, não decorreu da insurgência dos estratos explorados pelo núcleo orgânico, mas sim da própria incapacidade do último grupo de manter o status quo.

Para além da análise das distribuições dos extratos para os anos já relatados, a semiperiferia volta a existir nos últimos anos, como pode ser visto na Figura 5:

Figura 5: Distribuição do percentual da população mundial pelo logaritmo do PNB per capita anual para 2011 a 2015.



Fonte: Banco Mundial. Elaboração própria.

Conforme demonstrado nas reconstruções da metodologia de Arrighi e Drangel (1986) o abaloamento da semiperiferia com a periferia cessa de ocorrer a partir do ano de 2011, sendo que se repete em 2013. Ainda que bastante indefinido o cenário futuro, pode-se esperar que seja uma época de mudanças durante a qual estados mudarão de posição e a estabilidade do Sistema Mundo poderá ser colocada em xeque. Em uma fase de mudanças algumas escolhas serão dadas aos estados semiperiféricos:

Estados semiperiféricos estão no *checkpoint* onde dois caminhos diferentes emergem: avançar seus processos democráticos, o avanço das suas instituições governamentais, a proteção aos direitos humanos, ou seja, almejar que o aparelho de Estado seja similar àquele dos países do núcleo; ou ver-

em-se a si mesmos incapacitados de manter o Estado de Direito, movendo-se para trás no sentido do exercício arbitrário da autoridade e das violações aos direitos humanos, diminuindo a qualidade institucional, em suma, aprofundando o processo de periferalização (Ruvalcaba 2013, 149).

Considerações Finais

O atual panorama do sistema internacional permite que se torne evidente a grande parte dos observadores o protagonismo adquirido nas últimas décadas pela China e por outros tantos países incluídos em categorias como poderes de nível médio, potências regionais, mercados emergentes, países do “sul” global, dentre outras. Dentre todas as classificações possíveis, chamá-los de semiperiferia é também viável contemporaneamente.

Não é possível afirmar, porém, que a semiperiferia não seja um conceito bastante controverso devido ao montante de críticas a ela destinadas. Alguns autores alegam que a semiperiferia enquanto constructo teórico seja difusa, heterogênea, reificada, desterritorializada, de difícil observação empírica e negligente para com as estruturas de classe. Consta, entretanto, que boa parte dessas críticas possam ser respondidas no momento em que se analisa a obra de Wallerstein como um todo, pois o autor distribuiu a conceituação de semiperiferia ao longo de muitas publicações.

Também deve ser considerado que a semiperiferia, ao longo de seu quase meio século de concepção, vem sendo alvo de diversos estudos, que por vezes contestam a possibilidade de que esta importante contribuição de Immanuel Wallerstein apresente-se como forma operacionalizável para a análise dos desdobramentos políticos e econômicos ocorridos no atual Sistema Mundo.

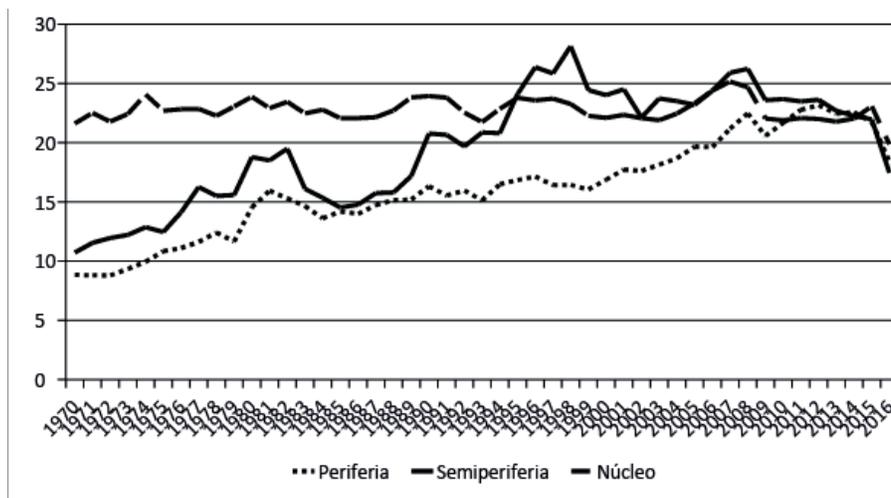
Muitos estudos que foram aqui apresentados valeram-se das mais diversas possibilidades para conceder um pouco mais de materialidade à semiperiferia, utilizando-se de variáveis como fluxos de comércio, intervenções militares, trocas diplomáticas e conjuntos de tratados, padrões de industrialização, estabilidade de relações comerciais, poderio militar, proporção do PIB per capita em relação ao PIB mundial ou distribuição de níveis de renda.

Dentre todas as possibilidades oferecidas pela literatura, porém, destaca-se o método proposto por Arrighi e Drangel (1986) enquanto uma das formas mais bem sucedidas de mensuração da semiperiferia. Sua aplicação em outros indicadores (PIB), inclusive, não apresentou a exibição do mesmo padrão trimodal, o que reforça a noção de que esta proposta atingiu plenamente o objetivo de identificação dos países que compõe os três diferentes estratos que integram o Sistema Mundo.

A partir da atualização do estudo de Arrighi e Drangel (1986) e patindo-se de uma nova definição de quais são os países da eiperiferia, é possível utilizar-se desta cactergorização em diferentes abordagens analíticas do panorama internacional. À título de exemplo, tomou-se o rol de países semiperiféricos apontados pelo referido método e aplicou-se alguns indicadores proporcionados pelo Banco Mundial a fim de que fosse analisada a pertinência de seus resultados em termos de estes refletirem com de modo coerente a realidade política e econômica do panorama internacional.

Finalmente, o destino do Estado do EI confirma duas lições que os fundadores de Estado aspirantes podem aprender com os outros Estados contestados atualmente: a comunidade mundial não aceita passivamente a criação de um Estado pela agressão e a secessão, e a condição de Estado contestado raramente é uma etapa para a condição de Estado confirmado.

Figura 6: Formação bruta de capital fixo em percentual do PIB (1970-2016) para periferia, semiperiferia e núcleo orgânico.



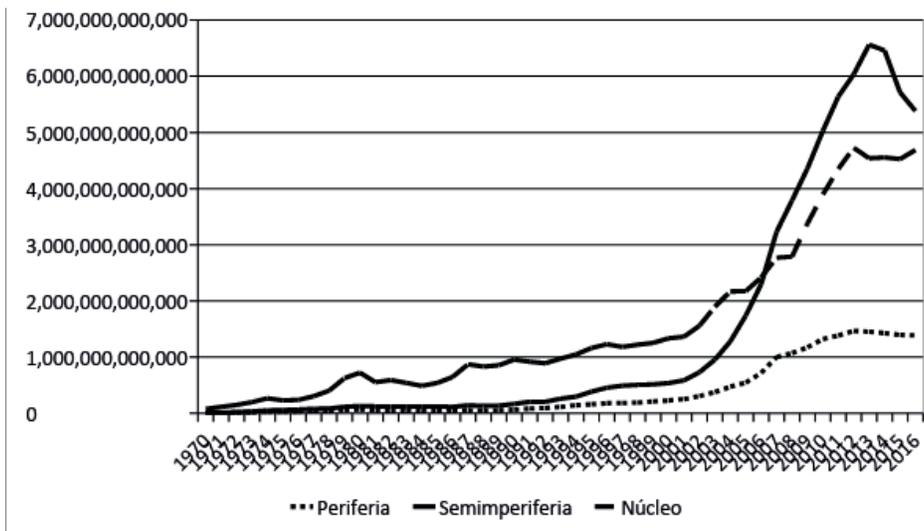
Fonte: Banco Mundial. Elaboração própria.

Tomados alguns indicadores econômicos específicos, formação bruta de capital fixo, reservas internacionais, uso de crédito do FMI e saldo da balança comercial, é permitida a análise do comportamento dessas variáveis para os países da semiperiferia, núcleo e periferia, conforme o resultado de

sua distribuição no ano de 2015¹⁰. A demonstração destes indicadores é importante para que se perceba a utilidade da aplicação da diferenciação dos três estratos no Sistema Mundo.

A primeira apresentação relativa à formação bruta de capital fixo expressa na Figura 6, corresponde a uma expectativa de realidade. As economias centrais, mantêm um crescimento do indicador mais estável, em conformidade com o que se espera de economias mais maduras. A semiperiferia, em acordo com sua ascensão ocorrida a partir do fim da Guerra Fria, comporta-se de modo a evidenciar seu expressivo desenvolvimento ocorrido nas últimas duas décadas. A periferia, por sua vez, apresenta o crescimento constante de investimentos, condizente com a acentuada expansão internacional da industrialização dos países centrais em voga desde o final da Segunda Guerra.

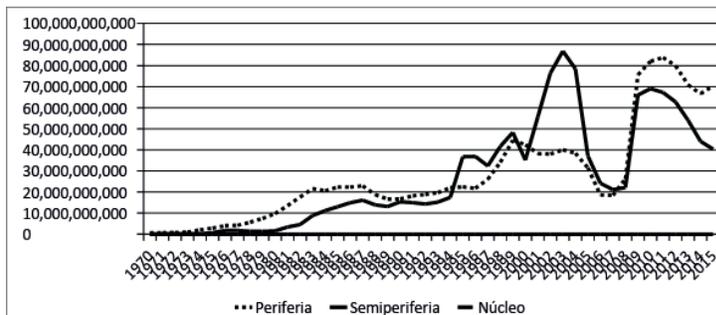
Figura 7: Reservas internacionais (1970-2016) em US\$ para periferia, semiperiferia e núcleo orgânico.



Fonte: Banco Mundial. Elaboração própria.

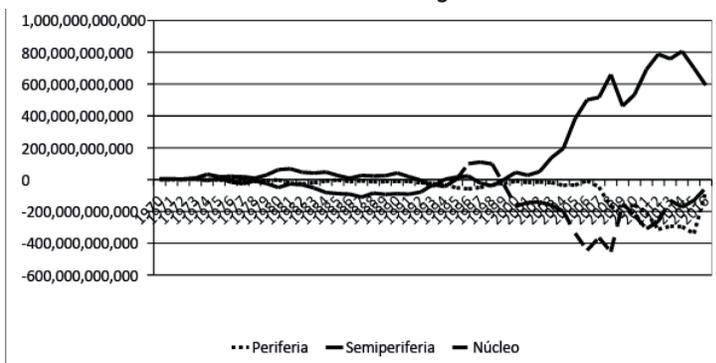
¹⁰ Conforme a metodologia desenvolvida por Arrighi e Drangel (1986), para o ano de 2015, a distribuição dos países nos estratos do Sistema Mundo se daria do seguinte modo: NÚCLEO: Alemanha, Austrália, Áustria, Bélgica, Brunei Darussalam, Cabo Verde, Catar, Chipre, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, França, Islândia, Irlanda, Israel, Itália, Japão, Coreia do Sul, Kuwait, Luxemburgo, Holanda, Nova Zelândia, Noruega, Cingapura, Suécia, Suíça, Emirados Árabes, Reino Unido. [...]

Figure 8: Use of IMF credit (1970-2016) in US \$ for periphery, semiperiphery and organic core.



Fonte: Banco Mundial. Elaboração própria.

Figura 9: Saldo balança comercial (1970-2016) em US\$ para periferia, semiperiferia e núcleo orgânico.



Fonte: Banco Mundial. Elaboração própria.

[...] PERIFERIA: Afeganistão, África do Sul, Albânia, Angola, Argélia, Armênia, Bangladesh, Belize, Benin, Bolívia, Bósnia e Herzegovina, Burkina Faso, Burundi, Butão, Camarões, Camboja, Canadá, Chade, Cisjordânia e Gaza, Comores, Rep. Dem. Congo, Congo, Costa do Marfim, Egito, El Salvador, Equador, Etiópia, Fiji, Filipinas, Gâmbia, Gana, Geórgia, Guatemala, Guiana, Guiné, Guiné-Bissau, Haiti, Honduras, Iêmen, Ilhas Marshall, Ilhas Salomão, Índia, Indonésia, Iraque, Jamaica, Jordânia, Kiribati, Kosovo, Laos, Lesoto, Libéria, Macedônia, Madagáscar, Malawi, Mali, Marrocos, Maurítânia, Micronésia, Moçambique, Moldávia, Mongólia, Myanmar, Namíbia, Nepal, Nicarágua, Níger, Nigéria, Paquistão, Paraguai, Peru, Quênia, Quirguizistão, República Centro-Africana, República Dominicana, Ruanda, Samoa, São Tomé e Príncipe, Senegal, Serra Leoa, Sérvia, Sri Lanka, Suazilândia, Sudão, Sudão do Sul, Tailândia, Tajiquistão, Tanzânia, Timor-Leste, Togo, Tonga, Tunísia, Tuvalu, Ucrânia, Uganda, Uzbequistão, Vietnã, Zâmbia, Zimbábue. SEMIPERIFERIA: Antígua e Barbuda, Arábia Saudita, Argentina, Azerbaijão, Bahamas, Bahrain, Barbados, Belarus, Botsuana, Brasil, Bulgária, Cazaquistão, Chile, China, Colômbia, Costa Rica, Croácia, Dominica, Eslovênia, Estônia, Gabão, Granada, Grécia, Guiné Equatorial, Hungria, Letônia, Líbano, Lituânia, Malásia, Maldivas, Malta, Maurício, México, Montenegro, Nauru, Omã, Palau, Panamá, Peru, Polônia, Portugal, República Checa, República Eslovaca, Romania, Rússia, Santa Lúcia, São Cristóvão e Névis, São Vicente e Granadinas, Seychelles, Suriname, Trinidad e Tobago, Turcomenistão, Uruguai, Venezuela.

Já em relação aos indicadores de impacto financeiro, reservas internacionais, uso de crédito do FMI e saldo da balança comercial (Figuras 7, 8 e 9), estes evidenciam o inusitado influxo de capitais na semiperiferia ocorrido nas últimas décadas. Foi patente, recentemente, a prosperidade que usufruíram as economias emergentes em detrimento dos processos recessivos em andamento nas economias avançadas. Em grande parte, a boa maré pôde ser atribuída aos grandes influxos de investimento que estas economias receberam desde meados da década de 1990.

Além disto, desde a crise asiática, no final do século XX, os países emergentes passaram, em sua maioria, a acumular sucessivos superávits em transações correntes nos balanços de pagamentos (em contrapartida, as economias centrais incorreram em déficits, apenas os EUA, foram responsáveis por metade do déficit mundial). Estes superávits acrescidos pelos fluxos de investimento possibilitados pela expansão da dívida norte-americana contribuíram enormemente para a liquidez internacional e a constituição de reservas.

Apesar dos resultados geralmente positivos para as economias destinatárias, deve ser discutido que o sucesso anteriormente descrito da semiperiferia na captação da liquidez global não pode ser unicamente atribuído ao reforço de suas capacidades, sendo, em grande medida, tributário de mudanças ocorridas no mecanismo do sistema monetário internacional a partir da década de 1970. O entendimento deste processo pode dar-se enquanto uma consequência da financeirização da economia mundial, ou globalização financeira, iniciado há quarenta anos.

Estes desdobramentos acabaram por contribuir para o aprofundamento daquilo que é hoje amplamente debatido como globalização financeira que acarretou no descolamento do investimento financeiro de suas bases nacionais, ou até mesmo o descolamento destes investimentos das bases produtivas de modo diretamente vinculado e proprietário.

A globalização financeira, ou “mundialização” financeira na concepção de Chesnais (2005), com gênese nos processos acima descritos, fundamentou-se em um continuum de desregulamentação e liberalização que desmontou as barreiras à atividade financeira nos países industrializados, o que levou as empresas transnacionais a optarem pela centralização dos ganhos não reinvestidos na produção, optando pela atuação financeira internacional em detrimento da produtiva. Nesta corrida pelo lucro, alguns países da semiperiferia obtiveram a chancela dos mercados financeiros para se tornarem destino dos capitais acumulados tanto por indústrias, quanto por suas *holdings*, sendo que, para estes atores transnacionais, os percursos geográficos de seus investimentos eram ideologicamente indiferentes, desde que suficientemente seguros.

Não faz parte da normalidade, da lógica capitalista, o acesso a grandes fluxos financeiros por parte das economias emergentes que tradicionalmente importavam, com alto custo, capitais das economias superavitárias a fim de financiar seus persistentes déficits em conta corrente. A escassez de capital, acentuava a subutilização da mão de obra, desperdiçando, assim, potencial para crescimento via constituição de mercados internos e atendimento a um *standard* de consumo considerado básico para economias avançadas. A disponibilidade financeira propiciou intenso crescimento em um seleto grupo de países emergentes, com significativas melhoras no padrão de vida dessas populações e aumento de sua renda *per capita*.

Os fenômenos apontados pelo uso da classificação da semiperiferia em indicadores selecionados condizem com o cabedal desenvolvido por Wallerstein. A semiperiferia apresenta-se então como receptora dos capitais do centro. A industrialização pela qual passou a semiperiferia tampouco foi suficiente para que os países que dela fazem parte alterassem sua posição estrutural no Sistema Mundo, uma vez que a recompensa para o processo de industrialização reduziu-se com a sua difusão.

Por fim, a semiperiferia é um conceito que concentrou uma série de críticas, porém, com a operacionalização de seus constructos dada por Arrighi e Drangel (1986) e com a utilização de suas definições para a exemplificação da possibilidade de esclarecimento de determinados tópicos, a mesma enquadrou-se aos princípios teóricos que a fundamentam e, ainda, revelou-se como uma importante construção que, mesmo formulada há quarenta anos, ainda é de grande utilidade para a compreensão dos fenômenos contemporâneos.

REFERÊNCIAS

- Arrighi, Giovanni, e Jessica Drangel. 1989. The “Stratification of thArrighi, Giovanni, and Jessica Drangel. 1989. The “Stratification of the World-Economy: An Exploration of the Semiperipheral Zone”. *Review X*, 1: 9-74.
- Arrighi, Giovanni. 1994. *O longo século XX*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Arrighi, Giovanni. 1998. “Capitalism and the Modern World-System Rethinking the Non-Debates of the 1970s”. *Review*, XXI, 1, 113-129.
- Arrighi, Giovanni. 2002. “The African Crisis: World Systemic and Regional Aspects”. *New Left Review* 15: 5-36.
- Arrighi, Giovanni. 2003. “Industrial Convergence, globalization, and the persistence of the north-south divide”. *Studies in Comparative Interna-*

- tional Development* 38, 1:3-31.
- Babones, Salvatore. 2005. "The Country-Level Income Structure of the World-Economy". *Journal of world-systems research* XI, I: 29-55.
- Carvalho, Maria Auxiliadora, and César Roberto Leite Silva. 2006. *Economia Internacional*. São Paulo: Editora Saraiva.
- Chase-Dunn, Christopher. 2014. "Crisis of What: The End of Capitalism or Another Systemic Cycle of Capitalist Accumulation?". *Perspectives on Global Development and Technology* 13, 13-35.
- Chase-Dunn, Christopher. 1998. *Global Formation: Structures of the World Economy*. Oxford: Rowman & Littlefield.
- Chase-Dunn, Christopher, and Thomas D. Hall. 1997. *Rise and demise: comparing world-systems*. Oxford: Westview Press.
- Chase-Dunn, Christopher, and Thomas D. Hall. 2000. *World-System History: The Social Science of Long-Term Change*. London: Routledge.
- Chesnais, François. 2005. "Doze teses sobre a mundialização do capital". In *O Brasil frente à ditadura do capital financeiro*, by Carla Ferreira e André Forti Scherer (Org.). Lajeado: Univates.
- Evans, Peter. 1979. "Beyond Center and Periphery: A Comment on the Contribution of the World System Approach to the Study of Development". *Sociological Inquiry* 49 (4) 15-20.
- Grell-Brisk, Marilyn. 2017. "China and global economic stratification in an interdependent world". *Palgrave Communications* 3:17087. doi: 10.1057/palcomms.2017.87.
- Griffiths, Martin. 2004. *50 Grandes estrategistas das relações internacionais*. São Paulo: Editora Contexto.
- Kentor, J. 2008. "The Divergence of Economic and Coercive Power in the World Economy 1960 to 2000: A Measure of Nation-State Position". *IROWS Working Paper #46*. <http://irows.ucr.edu/papers/irows46/irows46.htm>. Accessed on March 26, 2018.
- Korzeniewicz, Roberto Patricio, and William Martin. 1994. "The Global Distribution of Commodity Chains". In *Commodity Chains and Global Capitalism*, by Gary Gereffi e Miguel Korzeniewicz, 67-91. Westport: Praeger.
- Lee, Kwangkun. 2009. "Towards a Reformulation of Core/Periphery Relationship: A Critical Reappraisal of the Trimodality of the Capitalist World-Economy in the Early 21st Century". *Perspectives on Global Development and Technology* 8, 263-294.
- Lima, Pedro Garrido C. 2007. "Posicionamento no Sistema Mundial e Semi-

- periferia”. *Textos de Economia* 10, 2: 58-85.
- Lourenço, André Luís Cabral de. 2005. “Semiperiferia: uma hipótese em discussão”. *Economia e Sociedade* 14, 1, (178-24), 177-186.
- Mahutga, Matthew, and David Smith. 2011. “Globalization, the structure of world economy and economic development”. *Social Science Research* 40: 257-272.
- Martin, William G. 1990. *Semi peripheral states in the world-economy*. New York: Greenwood Press.
- Nemeth, Roger J., and David A. Smith. 1985. “International Trade and World-System Structure: A Multiple Network Analysis”. *Review: Quantitative Studies of the World-System* 8, 4: 517-560.
- Ofer, Gur. 1988. *Soviet Economic Growth: 1928-1985*. Los Angeles: RAND/UCLA Center for the Study of Soviet International Behavior.
- Osterhammel, Jürgen, and Niels P. Petersson. 2005. *Globalization: A short history*. New Jersey: Princeton University Press.
- Pires, Rui Pena. 1990. “Semiperiferia versus polarização? Os equívocos do modelo trimodal”. *Sociologia – problemas e práticas* 8, 81-90.
- Rossem, Ronan Van. 1996. “The World System Paradigm as General Theory of Development: A Cross-National Test”. *Sociological Review*, 61:508-527.
- Ruvalcaba, Daniel Efrén Morales. 2013. “Inside the BRIC: Analysis of the Semiperipheral Character of Brazil, Russia, India and China”. *Austral: Brazilian Journal of Strategy & International Relations*, 2, 4, 141-173.
- Sanderson, Stephen K. 2005. “World-Systems Analysis after Thirty Years: Should it Rest in Peace?”. *International Journal of Comparative Sociology* 46(3).
- Santos, Boaventura de Souza. 1985. “Estado e sociedade na semiperiferia do sistema mundial: o caso português”. *Análise Social*, XXI, 869-901.
- Schumpeter, Joseph. 1975. *Capitalism, Socialism and Democracy*. New York: Harper Colophon.
- Snyder, David, and Edward L. Kick. 1979. “Structural Position in the World System and Economic Growth, 1955-1970: A Multiple-Network Analysis of Transnational Interactions”. *American Journal of Sociology*, 84, 5: 1096-1126.
- Taylor, Peter J. 1988. “Alternative geography: A supportive note on Arrighi and Drangel”. *Review* 11 (4): 569-579.
- Terlouw, C. P. 1993. “The elusive semiperiphery: A critical examination of the

- concept semiperiphery”. *International Journal of Comparative Sociology*, XXXIV, 1-2.
- Wallerstein, Immanuel, and Etienne Balibar. 1988. *Raza, Nación y Clase*. Madrid: Iepala.
- Wallerstein, Immanuel. 1974. Dependence in an Interdependent World: The Limited Possibilities of Transformation within the Capitalist World Economy. *African Studies Review* 17, 1, 1-26.
- Wallerstein, Immanuel. 1974a. The Rise and Future Demise of the World Capitalist System: Concepts for Comparative Analysis. *Comparative Studies in Society and History*, 16, 4: 387-415.
- Wallerstein, Immanuel. 1974b. *The Modern World-System I: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century*. London: Academic Press.
- Wallerstein, Immanuel. 1975. “The present state of the debate on world inequality”. In *World Inequality*, edited by Immanuel Wallerstein, 12-28. Black Rose Books: Montreal, Canada.
- Wallerstein, Immanuel. 1976. “Semi-Peripheral Countries and the Contemporary World Crisis”. *Theory and Society* 3, 4, 461-483.
- Wallerstein, Immanuel, and Terence Hopkins. 1982. *World Systems Analysis: Theory & Methodology*. Beverly Hills: Sage Publications.
- Wallerstein, Immanuel. 1984. *The politics of the world economy: The states, the movements and the civilizations*. New York: Cambridge University Press.
- Wallerstein, Immanuel. 2003. *O fim do mundo como o concebemos: ciência social para o século XXI*. Rio de Janeiro: Revan.
- Wallerstein, Immanuel. 2005a. *Análisis de sistemas-mundo: una introducción*. México: Siglo Veintiuno.
- Wallerstein, Immanuel. 2005b. “After Developmentalism and Globalization, What?”. *Social Forces*, 83(3):1263–1278.
- World Bank. *The World Bank Open Data*. <http://data.worldbank.org/>. Accessed on: February 07, 2012.
- World Bank. *The World Bank Open Data*. <http://data.worldbank.org/>. Accessed on: October 18, 2017.
- Worsley, Peter. 1979. “A critique of the world-system theory of Wallerstein”. Paper presented at a *Conference of the Institut für Vergleichende Sozialforschung*. Berlin.

RESUMO

O conceito de semiperiferia é considerado por muitos autores como a mais importante contribuição da obra de Immanuel Wallerstein. Desde sua definição, ocorrida na década de 1970, são encontradas extenuantes tentativas de definir-lhe uma dimensão geográfica. O presente artigo busca retomar a relevância da semiperiferia para o entendimento das circunstâncias internacionais contemporâneas. Sua operacionalização permite que dados mundiais sejam agregados oferecendo um recorte factual e atualizado das mais diversas facetas econômicas e políticas que compõe o Sistema Mundo. Para definição de quais países a compõe na atualidade, uma das tentativas é replicada sendo apresentada uma atualização da listagem. Ao final, alguns exemplos de instrumentalização para o conceito são apresentados com base em alguns indicadores selecionados.

PALAVRAS-CHAVE

Semiperiferia, Sistema Mundo, Immanuel Wallerstein.

Recebido em 04 de maio de 2018.

Aceito em 24 de junho de 2018.